



ESTA TERRA NÃO FOI DADA

HISTÓRIAS CONTADAS POR
QUITLOMBOLAS DO LITORAL
CAPIXABA E FLUMINENSE



ESTA TERRA NÃO FOI DADA

HISTÓRIAS CONTADAS POR
QUILOMBOLAS DO LITORAL
CAPIXABA E FLUMINENSE



Ficha Técnica

CIEDS

Vandré Brilhante
Diretor Presidente

Fábio Muller
Diretor Executivo

Noemi Braga
Diretora Administrativa-Financeira

Rosane Santiago
Diretora Inovação e Novos Negócios

Roselene Souza
Diretora Gente e Cultura

PESSOAS E NEGÓCIOS SAÚDAVEIS

José Claudio Barros
Gerente de Engajamento Comunitário

Fernanda Colmenero
Coordenadora de Projetos

Paula Miranda
Coordenadora de Projetos

Jéssica Oggioni
Assistente de Projetos

Vivian Cunha
Analista de Projetos

Anderson Corrêa
Assistente de Projetos

Sthefany Castro
Analista de Projetos

Natália Carvalhosa
Consultora

**ACQUILERJ- Associação das Comunidades
Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro**
Ivone de Mattos Bernardo
Ana Beatriz Bernardes Nunes

Esta terra não foi dada

ORGANIZAÇÃO & PROJETO EDITORIAL

Marina Rotenberg
Paula Miranda

PESQUISA, ENTREVISTAS & TEXTOS

Debora Teixeira Queres
Humberto Santana Jr.

FOTOGRAFIAS

Aleluia, Batatal e Cambucá - Daniela Abreu
Bacurau - Adilson dos Santos
Baia Formosa - Angelita Ferreira
Barrinha - Alan Faria
Boa Esperança - Mateus Carvalho
Boa Vista - Adilson dos Santos
Botafogo - Ricardo Alvez
Cacimbinha - Mateus Carvalho
Conceição do Imbé - Daniela Abreu
Machadinha - Adilson dos Santos
Deserto Feliz - Edmundo Nunes
Graúna - Amanda Marques
Machadinha - Adilson dos Santos e Paula Miranda
Maria Joaquina - Eduarda Nascimento
Maria Romana - Ricardo Alvez
Mutum - Adilson dos Santos
Preto Forro - Ricardo Alvez
Rasa - Makinhos Souller
Santa Luzia - Adilson dos Santos
Sobara - Ricardo Alvez

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO

Embuá Oficina de Design

À Dona Uia, que faleceu em 2020 vítima da Covid-19, e a todas as mulheres e homens quilombolas do Brasil, que lutam por seus direitos e que preservam viva a história do nosso país.



ACQUILERJ – A Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro foi fundada em 03 de outubro de 2003. Presente em todas as regiões do estado e em 22 municípios, é composta por 52 comunidades remanescentes de quilombos e vem atuando na representação dessas comunidades junto a variados agentes sociais, inclusive, governos estadual e federal, na busca pela garantia e efetivação dos seus direitos.

Os quilombos se constituíram a partir das fugas de escravos com ocupação de terras livres, isoladas, terras por meio de heranças, doações, pagamento de serviços, compra e permanência nas terras que ocupavam e cultivavam. Na história do Brasil, os quilombos são reconhecidos pela resistência do povo contra o regime da escravidão.

Os remanescentes vêm sofrendo violações de direitos dentro e fora de seus territórios, lutando para manter sua ancestralidade e seus direitos, buscando desenvolver estratégias para dar continuidade à luta quilombola, fortalecendo e organizando o coletivo visando melhores condições de vida. A chegada da Covid-19 nos quilombos só confirmou a ausência das políticas públicas, o descaso do estado evidenciando o racismo.

Hoje, os quilombolas têm que lutar contra os grandes empreendimentos, a ação dos grileiros e o desemprego, que aumentaram nos territórios durante a pandemia.

Porém, a contribuição dos Parceiros e Parceiras tem sido fundamental para o fortalecimento de nosso povo Quilombola. Ao longo de décadas alguns destes parceiros alavancaram as comunidades com projetos de geração de trabalho e renda, através de capacitação e qualificação, que estimularam de alguma forma a economia local.

E desta forma seguimos firmes em nosso Propósito, buscando dia após dia intensificar nossa Luta e buscar a garantia dos Direitos fundamentais.

Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro



A chegada inesperada e catastrófica da pandemia causada pela Covid-19 trouxe tragédias de várias formas. Famílias despedaçadas, volta da fome das populações mais pobres, aumento da discriminação contra negros e imigrantes, dentre outras. Destas tantas, destaco a solidão, o isolamento.

Assim estão os 21 quilombos situados no norte do estado do Rio de Janeiro e sul do estado do Espírito Santo. Em um isolamento agravado pela pandemia, mas que já vem de muito longe. Longe mesmo, desde o tempo em que seus fundadores se uniram e se esconderam para fugir da escravidão. Para muitos, a existência dos quilombos nos dias de hoje é desconhecida, para outros, é apagada. Ainda, os quilombos (re) existem e são mais do que lugares onde moram e vivem milhares de famílias. São comunidades, na sua maioria isoladas, onde o passado está presente e a resistência não ficou para trás.

Há nessas comunidades esperanças e sonhos interrompidos, mas também força e coragem para seguir escrevendo essa história. São homens e mulheres, adultos, idosos e adolescentes que juntos lutam pela garantia de direitos, querem florescer.

Nossa ação conjunta com a Shell Brasil, por meio do projeto Pessoas e Negócios Saudáveis, energizou um pouco dessa luz para guiar caminhos. Amenizou a fome e andou na mesma direção do senso de comunidade, integração e construção de futuros, tão fortes nestes quilombos.

Organizações locais iniciaram ações para dinamizar e organizar a produção de refeições, envolver moradores, resgatar receitas de muito tempo atrás. Pequenos negócios que estavam fechados ou negócios que nunca antes tinham surgido, começaram a produzir refeições. E assim, remando contra o isolamento, com o Pessoas e Negócios Saudáveis fomos fortalecendo a confiança dentro da comunidade, nos aproximando de atores dispostos a cooperar e construindo pontes com o futuro. Chegamos hoje em novembro de 2021, a cerca de 245.700 mil refeições distribuídas, somente nos 21 quilombos.

Poderíamos nos contentar e dizer que cumprimos nossa missão e amenizamos a fome de quem mais precisava, mas encontramos lá, nesses quilombos, uma energia que quer fazer mais. Quer empreender e quer construir comunidades

melhores para viver. Mais integradas, com mais oportunidades para os jovens, com sua cultura valorizada e acessível a todos. Comunidades não só marcadas pelas lembranças sofridas, mas que querem o setor público, privado e terceiro setor junto a eles, para fazer florescer direitos com a força e a garra de seus moradores – brasileiros e brasileiras, lutadores e guerreiros de tradições e costumes basilares que construíram e constroem a nação Brasil.

Os objetivos desta publicação são dois: celebrar o alcance do projeto Pessoas e Negócios Saudáveis, uma ação colaborativa estruturada a partir de uma situação de emergência, mas com uma visão de sustentabilidade e pertencimento; e destacar a importância de conhecer e integrar essas dezenas de comunidades quilombolas tão conectadas com nossas raízes e cultura.

Nossa intenção aqui é apresentar a outras organizações, empresas e governos possibilidades reais de apoiar o desenvolvimento e, acima de tudo, juntos, apoiar que as comunidades quilombolas e seus moradores possam construir esse caminho futuro. Um caminho melhor do que foi até hoje. Um caminho com mais oportunidades e prosperidade.

O CIEDS se orgulha da parceria com a Shell Brasil nessa iniciativa e se compromete a tecer redes para promover a prosperidade dos muitos que buscam um futuro melhor.

Vandré Brilhante



Pessoas e Negócios Saudáveis

Este livro nasce como fruto do projeto Pessoas e Negócios Saudáveis, uma ação de impacto coletivo idealizada e articulada pelo CIEDS - Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável - que, em meio à pandemia, entregou comida pronta para quem mais precisava, ao mesmo tempo que fortaleceu organizações locais e empreendimentos do ramo alimentício, ambos extremamente por este contexto.

Com a Covid-19, as desigualdades se acirraram, a fome voltou a crescer no Brasil e entregar comida pronta era uma necessidade real. Mas, mais do que isso, levar comida articulando pessoas, instituições e empreendimentos locais era resgatar o senso de comunidade, estar junto em meio ao isolamento social e apoiar famílias em vulnerabilidade social e organizações comunitárias que, com muita luta, protagonizam ações de apoio e defesa de direitos de seus moradores. Era, sobretudo, fortalecer a confiança no futuro.

Para isso, com o Pessoas e Negócios Saudáveis, nos conectamos à iniciativa privada e atuamos em diversos territórios em seis estados do Brasil, com uma rede que integrou e apoiou diferentes atores em favelas, periferias, áreas rurais e comunidades tradicionais.

Com o Pessoas e Negócio Saudáveis nós do CIEDS firmamos nosso propósito de articular parcerias estratégicas para construção de redes para a prosperidade. Com o Programa, em 2020 e 2021, nos unimos a 6 empresas e institutos e entregamos mais de 400.000 refeições prontas nas mesas dos brasileiros e brasileiras, apoiamos 99 empreendimentos do ramo alimentício e 56 organizações de base comunitária, em 6 estados do Brasil: Bahia, Ceará, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e São Paulo.



O CIEDS (Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável) é uma organização da sociedade civil que há 23 anos promove soluções sociais que geram mais renda, mais saúde, melhor educação e maior confiança no futuro, articulando parcerias estratégicas que constroem redes para prosperidade.

CIEDS: parcerias estratégicas que constroem redes para a prosperidade

www.cieds.org.br



Cacimbinha

17

Aleluia,
Batatal
e Cambucá

31

Baía
Formosa

43

Rasa

59

Santa
Luzia

69

Graúna

81

Maria
Joaquina

95

Povoado de
Preto Forro

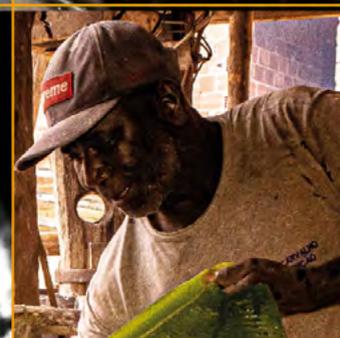
109

Conceição
do Imbé

121

Mutum

131



25

Boa
Esperança

37

Bacurau

51

Botafogo
Cabo Frio

65

Barrinha

75

Deserto
Feliz

87

Machadinha

101

Maria
Romana

115

Sobara

127

Boa
Vista



DEBAIXO
DA TERRA
É QUE
MORA O
TESOURO





Quilombo Cacimbinha Presidente Kennedy - ES

A Comunidade Remanescente de Quilombo Cacimbinha, localizada em Presidente Kennedy, no Estado do Espírito Santo, é uma comunidade marcada pela união e pela força da cultura local. A oportunidade de aprender um pouco sobre a rica história deste quilombo nos foi dada por Dona Cláudia Márcia Corrêa de Jesus, de 46 anos, e seu sobrinho Magno Jesus de Castro, de 24. Dona Cláudia é nascida e criada na comunidade, professora, socióloga e pedagoga. Atualmente está cursando mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação. Magno é o presidente da Associação de Moradores, militante e bacharel em Direito. Eles explicaram que Cacimbinha e Boa Esperança são comunidades irmãs. Para eles, a união é um grande valor da comunidade.

O nome da comunidade tem origem na falta de água na região. Eram feitos buracos para reter água da chuva e as pessoas se dirigiam a este local afirmando que iam pegar água na Cacimbinha, nome dado a estes buracos.

A história do surgimento do quilombo está relacionada com Seu Mané João, bisavô de Dona Cláudia. Alguns dizem que ele foi um ex-escravizado, outros dizem que não. Seu Mané João tinha mais de uma família, uma em Cacimbinha, outra em Boa Esperança e ainda outra em Graúna. As comunidades de Cacimbinha e Boa Esperança surgem, então, a partir de suas famílias. A igreja de Nossa Senhora das Neves foi construída pelos escravizados e era comum ter o **jongo** ao redor dela, costume este que se mantém e no dia dos festejos de Nossa Senhora das Neves, 05 de agosto, é tocado do lado de fora da igreja.



O **jongo** é uma manifestação cultural brasileira de origem africana. É uma composição de música e dança que relata um pouco da história que atravessou gerações em letras, ritmo e dança.

Entre os mais velhos da comunidade estão a mãe de Dona Cláudia, Dona Lucileia, com 74 anos, Edna dos Santos que deve ter por volta de 80 anos, Dona Nelba Graça, Dona Maria Aparecida, Seu Aécio e Seu Enaldo Batalha, este deve ter 80 anos. Em 2021 a comunidade perdeu muitos **griôs**.



Os **griôs** são os mais velhos que se tornam as memórias vivas, preservando e transmitindo as tradições do seu povo.

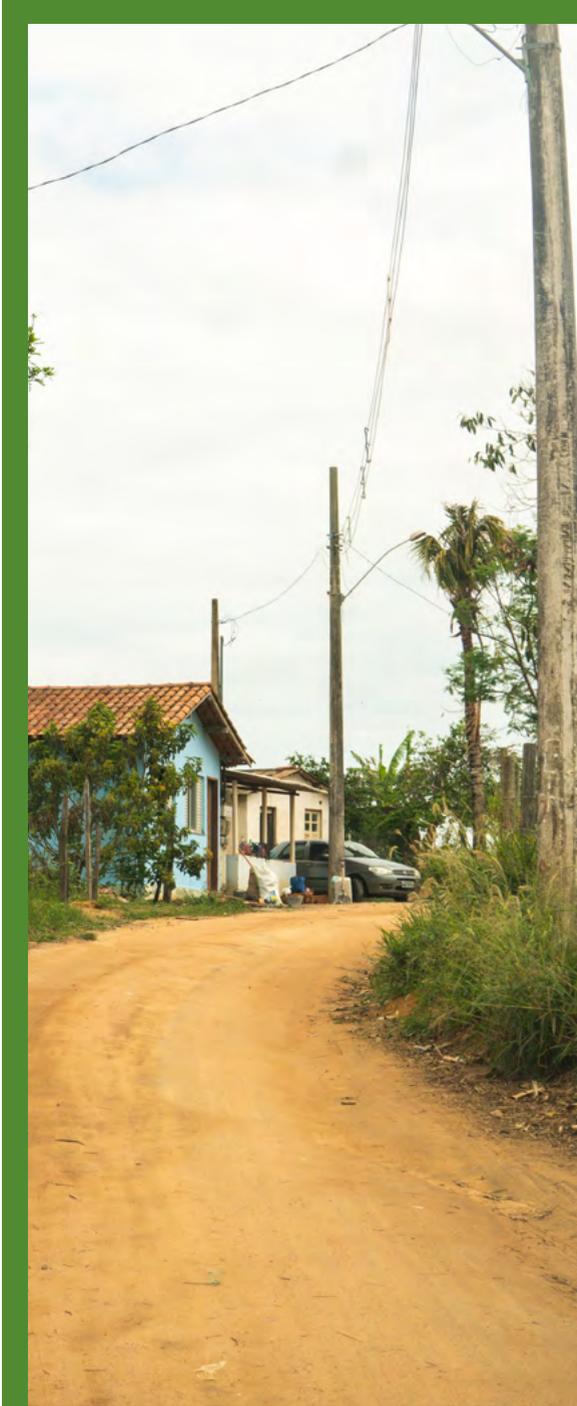
Dona Cláudia e Magno fizeram questão de lembrar de pessoas que foram importantes para a comunidade mas já faleceram, como Dona Perminia, uma senhora surda que utilizava remédios caseiros para cuidar da comunidade, e Seu Ladislau, que fazia ladainha e era rezador. Ele era o responsável pelo batismo realizado em casa, anterior ao da igreja católica. Na comunidade tem uma senhora, Dona Tereza, que é rezadeira, reza as crianças quando estão de **"olhado"** e atualmente é quem batiza as crianças em casa. Este costume ainda persiste entre os católicos, que são a maioria na comunidade. A presença de evangélicos fez com que diminuísse, um pouco, esta prática



A expressão **olhado** é utilizada quando as crianças estão sofrendo efeito de alguma energia ruim destinada a elas. O **olhado** pode levar a doenças, a tristeza, entre outras coisas

A comunidade mantém o costume de comer canjica na Semana Santa, quando as pessoas saem cedo para pegar leite com os fazendeiros para fazer a preparação. As comidas são parte importante das relações construídas no território, e no caso da canjica ela tem uma relação também com o período em que todos a compartilham. Neste período as pessoas pedem benção aos pais antes de saírem da cama. Os mais novos não têm o costume de tomar benção cotidianamente, mas fazem na Semana Santa.

O quilombo é rico em manifestações culturais, dentre elas capoeira, quadrilha e o jongo, este com apresentações do grupo chamado Mãe África Pátria Amada Brasil. Dona Cláudia foi responsável por criar o jonguinho mirim, com o intuito de manter as crianças em contato com o jongo ainda na escola. Através do jongo ela alfabetizou jovens de 13 e 14 anos e a partir desta experiência com os jovens, seguiu alfabetizando também as crianças.





A comunidade sente a necessidade de ter uma Sede para ser um local de valorização da arte, da cultura e da história local. A comunidade destaca a luta por reconhecimento de que as atividades desenvolvidas no local têm valor histórico, cultural e um valor sentimental para o quilombo.

O quilombo é formado por 100 famílias, totalizando mais de 240 pessoas. Na comunidade existem poucas pessoas que sobrevivem da própria terra, mas ainda há plantações de maracujá, abacaxi, milho, mandioca, além do corte de cana. Algumas pessoas trabalham fora da comunidade, devido à falta de espaço para plantar. Os homens se dedicam à caça enquanto a atividade de pescaria é desenvolvida pelas mulheres. Existem propriedades próximas que não pertencem ao quilombo.

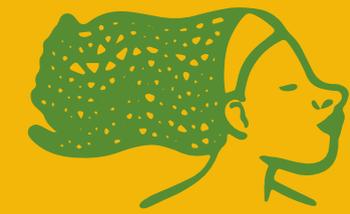
Os homens se dedicam à caça enquanto a atividade de pescaria é desenvolvida pelas mulheres.

Antes de finalizar, Magno deixa explícito que existe uma co-liderança na comunidade em que ele é o presidente, e que sempre ocorrem trocas com quem estava à frente anteriormente: uma troca entre as gerações. Os dois apresentam esta troca durante toda a conversa. Dona Cláudia e Magno finalizam agradecendo à comunidade, aos que vieram antes e um ao outro, pelo movimento da continuidade.





ESPERANÇA
NÃO ESPERA:
LUTA



Quilombo Boa Esperança Presidente Kennedy - ES

A Comunidade Remanescente de Quilombo Boa Esperança, localizada no município de Presidente Kennedy, no Estado do Espírito Santo, tem uma história de grande resistência. Um pouco desta história nos foi contada por dona Tania Marcia Hora Ferreira e novamente por Magno Jesus de Castro. Dona Tania, 49 anos, é mulher preta, quilombola, filha e neta de jongueiros com muito orgulho, atualmente é integrante da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Ela tem muito orgulho de ser quilombola e ter nascido em casa nas mãos de uma parteira. Dona Tania sempre trabalhou na roça, assim como sua mãe.

Foi através das histórias que sua avó contava enquanto cozinhava o feijão na panela de barro que Dona Tania aprendeu a valorizar o seu território, a sua cultura e sua ancestralidade

Magno, presidente da Associação de Moradores também fez parte desse momento de aprendizado sobre a comunidade.

A história do quilombo Boa Esperança é entrelaçada com a história de sua comunidade irmã, Cacimbinha. Elas começam a partir de Seu Mané João que fugiu de um navio e constituiu famílias em ambas as comunidades. Esta é uma das explicações para este vínculo de irmandade entre os quilombos de Cacimbinha e Boa Esperança. Antes a comunidade era conhecida pelo apelido de Amarra-égua, devido às cavalgadas que aconteciam no local e o hábito das pessoas amarrarem os cavalos na porta do comércio local. Os moradores não gostam deste apelido, pois para chamar assim, é preciso saber a história e seu contexto, segundo Dona Tania. O nome de Boa Esperança é bem antigo e para ela remete justamente à resistência do povo negro.

Entre os mais velhos da comunidade estão Dona Maria Sanfoneta, com mais de 100 anos. Ela é uma referência do quilombo, pois em todas as danças do **boi pintadinho**, ela era a mãe Maria, a mulher intocável. Tem também um mestre do jongo, Tia Edna dos Santos com mais de 80 anos, Seu Robel e Seu Ronildo, com 83 anos. Seu Edvaldo que foi um dos criadores do boi pintadinho em Boa Esperança.

O boi pintadinho é uma manifestação cultural baseada nos movimentos do boi em que se encena cantando versos alusivos à história de bois.

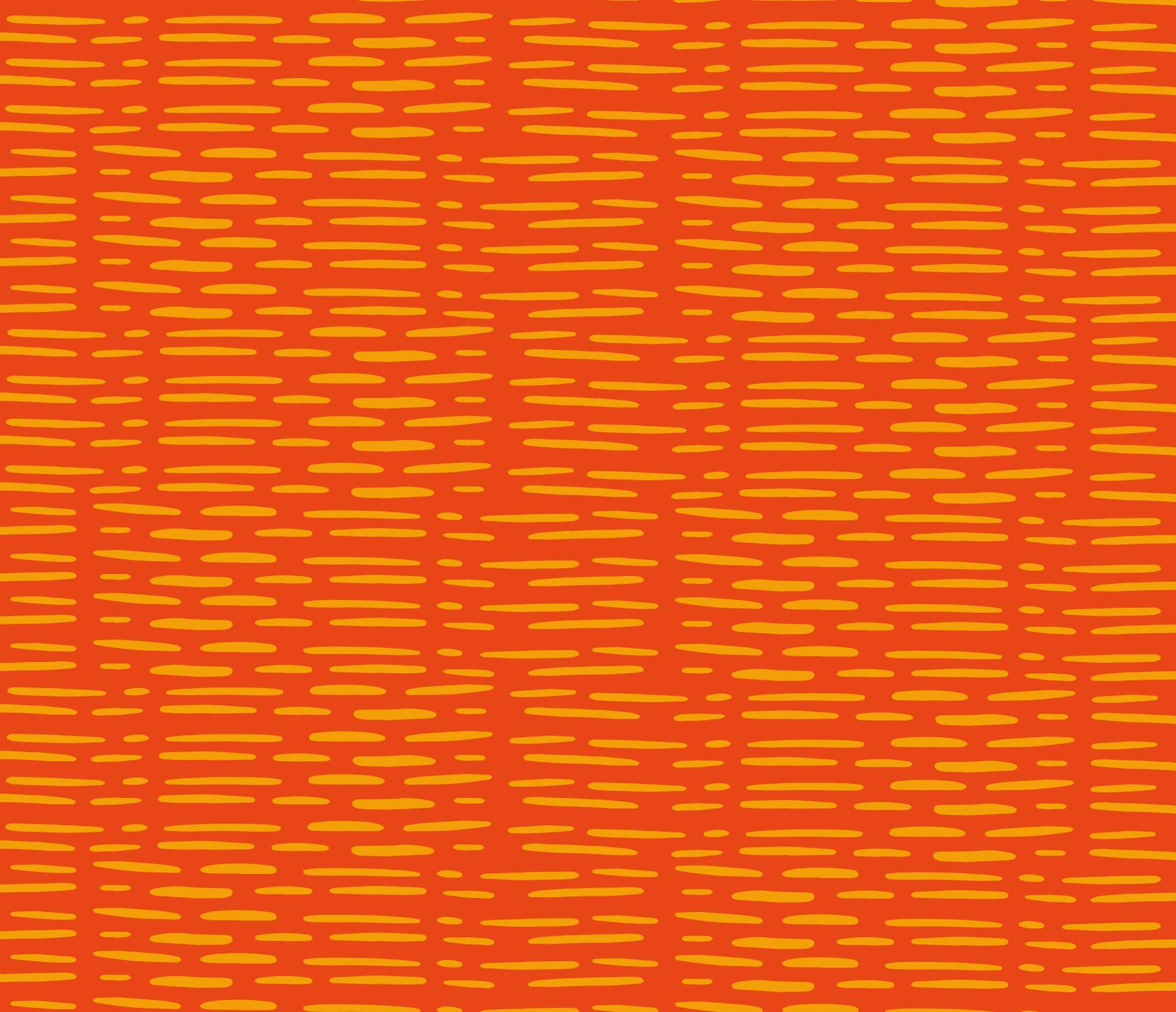
A comunidade apresenta uma variedade de manifestações culturais: ainda se toca e dança o jongo, a quadrilha e a capoeira, além de um grupo de teatro e música denominado de In Memoria, que está sendo criado. A ideia é trazer um pouco da história da comunidade nas apresentações. Entre as festas tradicionais do quilombo estão o São João e a festa da consciência negra, no dia 20 de novembro.

As marcas da resistência do quilombo Boa Esperança podem ser percebidas no orgulho e na defesa da identidade negra.

Atualmente a comunidade tem entre 300 e 400 famílias, em torno de 700 pessoas. Antigamente os católicos eram a maioria, hoje são os evangélicos. No território existem plantações de batata, hortaliças e milho, este tendo uma presença muito relevante na alimentação local. Do milho é feito a papa de milho, pamonha, canjicão e pela égua, receita feita com milho socado. Magno afirmou que a comunidade tem na sua culinária tradicional parte importante de suas raízes.

Além da luta pela terra, outra luta importante é pelo acesso a políticas públicas para que seja possível ter um desenvolvimento sustentável e autonomia. As marcas da resistência do quilombo Boa Esperança podem ser percebidas no orgulho e na defesa da identidade negra. Dona Marcia destaca a questão da presença das tranças e dos cabelos afros. O quilombo Boa Esperança apresenta sua história de luta, muita resistência, força e muito orgulho de ser um povo que batalha por sua existência e autonomia.





UNIÃO
SE ESCREVE
COM ABC



Quilombos Aleluia, Batatal e Cambucá Campo dos Goytacazes - RJ

É em Campo dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro, que estão três Comunidades Remanescentes de Quilombo que se apresentam com grande união e coletividade, ao ponto de se denominarem ABC, sendo as iniciais de 'Aleluia', 'Batatal' e 'Cambucá'. As histórias dessas comunidades se encontram e, através de Seu Paulo Honorato, de 60 anos, e sua sobrinha Luiza Gomes Honorato, de 23, foi possível perceber na prática o respeito entre as gerações. Seu Paulo Honorato fez questão de deixar nítido que é importante aprender com a troca de experiência, pois, **o ato de ensinar, te permite aprender ainda mais.**

Seu Paulo Honorato é presidente do Sindicato Rural e da Associação dos pequenos produtores rurais e quilombolas de Aleluia, Batatal e Cambucá e se define como quilombola e realizado, pois sempre gostou de plantar e segue plantando até hoje. Luiza é nascida e criada no quilombo, trabalha na agricultura e também é

bolsista do SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - no curso de Massoterapia. É através deste encontro de gerações que conhecemos um pouco da rica história de Aleluia, Batatal e Cambucá, que, além de ABC, também se identificam como Fazenda Novo Horizonte, por se tratarem das terras da antiga Usina Novo Horizonte que decretou falência em 1987.

Seu Paulo nos conta que eles trabalhavam na Usina para produção de açúcar, segundo ele o melhor da localidade, por se tratar de uma região de morro, que tornava possível o diferencial do sabor. Enquanto trabalhavam na Usina, já plantavam feijão, milho, batata doce, aipim e abóbora. Quando a Usina faliu, os trabalhadores ficaram 6 meses sem receber salário e conseguiram sobreviver justamente por já terem suas plantações. Eles pescavam, criavam porco e faziam um prato chamado cantão de banana verde com carne seca, linguiça, e que pode ser feito com peixe também.

Com a falência da Novo Horizonte e o atraso de salário pelos trabalhadores, estes se uniram e colocaram uma carreta sem roda em frente à Usina. Foram 4 dias em que 400 famílias ficaram na frente da Usina. Os mais jovens buscavam alimentação. As famílias presentes dançavam o jongo para esquentar as noites frias de junho. A polícia foi acionada e chegou um caminhão cheio de policiais acreditando que os trabalhadores estavam quebrando tudo na Usina, pois essa foi a informação passada para eles. Como os policiais identificaram que não tinha violência ficaram somente acompanhando durante os 4 dias.

O Sindicato se reuniu com as famílias e juntos decidiram lutar pelas terras. Eles foram para Brasília e para o Rio de Janeiro realizar manifestações e os fazendeiros o chamavam de preguiçosos. A FETAG - Federação dos Trabalhadores na Agricultura - fez um ofício incluindo o processo de reforma agrária junto com o da Usina, sendo assinado pelo presidente José Sarney, desapropriando 4.375 hectares de terra e entregando para 375 famílias. Somente depois de já estarem na terra que perceberam que se tratava de um quilombo.

O quilombo começou na região chamada Laranjeiras, com casas de pau a pique, telhado de pindoba com sapê e fogão de lenha. Muitas famílias saíram de Laranjeiras e foram para Aleluia para estudar, dando origem à comunidade.

Atualmente são 233 famílias distribuídas entre as três comunidades, sendo 86 em Aleluia, 71 em Batatal e 76 em Cambucá. A comunidade segue plantando milho, abóbora, aipim, coco, goiaba e banana. Além das plantações a comunidade produz queijo. Dentro do quilombo tem um campo de futebol de 110 m², onde as meninas também são envolvidas na prática do esporte. Seu Paulo Honorato fala com bastante entusiasmo sobre a importância de as meninas também praticarem o futebol





No quilombo tem uma escola. A comunidade sente falta de um posto médico, e foi relatado que no quilombo existem muitos casos de mortes por anemia. Na região tem um açude antigo, cachoeiras e o rio Imbé e em Cambucá tem uma caverna, em Batatal ainda existem duas casas de farinha e na região também tem o Parque Estadual do Desengano.

Existe um grupo de mulheres que faz artesanato, do qual Luiza faz parte. Dentre os materiais produzidos estão a vassoura da palha da pindoba e as bolsas da folha da bananeira. A bolsa é uma forma de aproveitar a folha da bananeira que acabava se perdendo e sendo jogada fora. Tem uma **Quadrilha** em que várias pessoas da comunidade se encontram envolvidas, juntamente com algumas pessoas de .

A **quadrilha** é uma manifestação cultural em que se dança e encena uma história durante as festas juninas.

A principal festa celebrada na região é o 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Seu Paulo destaca que nesta data não é comemorada a morte de Zumbi, mas sim a luta e resistência.

A união é muito presente nas comunidades, como é possível notar na forma em que juntas realizam atividades e em sua própria história, que se torna uma grande composição em que as partes formam o todo da comunidade ABC. Ao se identificarem com esse nome, **apresentam a união como grande valor que rege o quilombo. É esta união que ajuda a garantir a força na luta pela terra.**



O QUE
NOS ENSINA
A CHUVA,
BACURAU?



Quilombo Bacurau Quissamã - RJ

O primeiro encontro de Jovana com nossa equipe precisou ser reagendado. Chovia muito em Quissamã, município do Norte Fluminense, e a comunidade de Bacurau estava com a internet instável. Quando finalmente nos encontramos, essa jovem líder comunitária e membro da Associação de Remanescentes do Quilombo de Machadinho, nos contou um pouco de sua história que, assim como a do quilombo onde nasceu, se mistura a dos demais quilombos da região.

Bacurau é um dos quatro quilombos adjacentes ao Quilombo de Machadinho e se divide em três núcleos: Montreal, Bacurau e Sítio Santa Isabel. Seu nome faz referência ao misterioso pássaro homônimo de hábitos noturnos, muito presente na região. Possui cerca de 40 casas, onde vivem 85 habitantes, cuja maioria pertence à mesma linhagem: a Família Azevedo.

Bacurau é uma comunidade rural que vive em torno da agricultura familiar, da plantação de hortaliças, da criação de gado e da extração de leite. É, inclusive, dessa vocação que estão suas maiores referências.

A começar por Seu João José, agricultor, ancião a quem os mais jovens chamam de avô, mesmo aqueles que não têm seu sangue. Também Seu Robertinho, um homem do arado e do cuidado de rebanhos, ensinou seu ofício aos seus descendentes, dos quais, sua filha Luciana desponta como uma inspiração para as agricultoras locais. Alguém que, nas palavras de Jovana, encarna a figura da “mulher do campo”.

Há ainda as filhas de Moacir, o Tio Moa, como é chamado. São mulheres que trabalham no roçado e na extração do leite que é consumido pela própria comunidade ou vendido para uma cooperativa de fora. **Homens e mulheres que têm o respeito de sua comunidade por sua força e pela sabedoria no trato com a natureza.**

O alimento é uma marca tão forte desse quilombo que não é de se admirar que o Salão de Antônio Morim, onde podia se ouvir os tambores do fado (dança surgida ali) em algum momento tenha virado uma Casa de Farinha, deixando essa manifestação cultural apenas na memória dos mais velhos. As festas tradicionais de matrizes africanas acontecem em Machadinho, onde inclusive Jovana coordena um grupo de jongo que atende de crianças a idosos, legado de sua avó Xêro, criadora do grupo e moradora dessa comunidade.

A maior riqueza cultural de Bacurau está no cultivo da terra e na produção do que vem dela, tais como, o artesanato de bambu de Seu Zequinha e os doces artesanais de mamão, abóbora, batata doce e banana produzidos pelas moradoras. Atualmente, a comunidade sonha em ter um espaço físico, uma sede, onde possa expor e vender seus produtos artesanais e integrar o circuito turístico que acontece em Machadinho. Outro desejo é ter um espaço de lazer e convivência.

Desejam um lugar que recupere um pouco do que um dia foi o Bar do Funil, de Seu Joel, onde aconteciam bailes aos finais de semana. Quem viveu essa época conta que os pais levavam esteiras para quando

seus filhos adormecessem e eles pudessem continuar dançando até o amanhecer. O porquê desses bailes terem acabado não se sabe ao certo, já que o bar ainda existe, inclusive sob a mesma direção.

Ainda que alguns costumes tenham ficado no passado, Bacurau preserva valores característicos de um quilombo, como a união entre as famílias que habitam ali e o respeito aos mais velhos e à natureza.

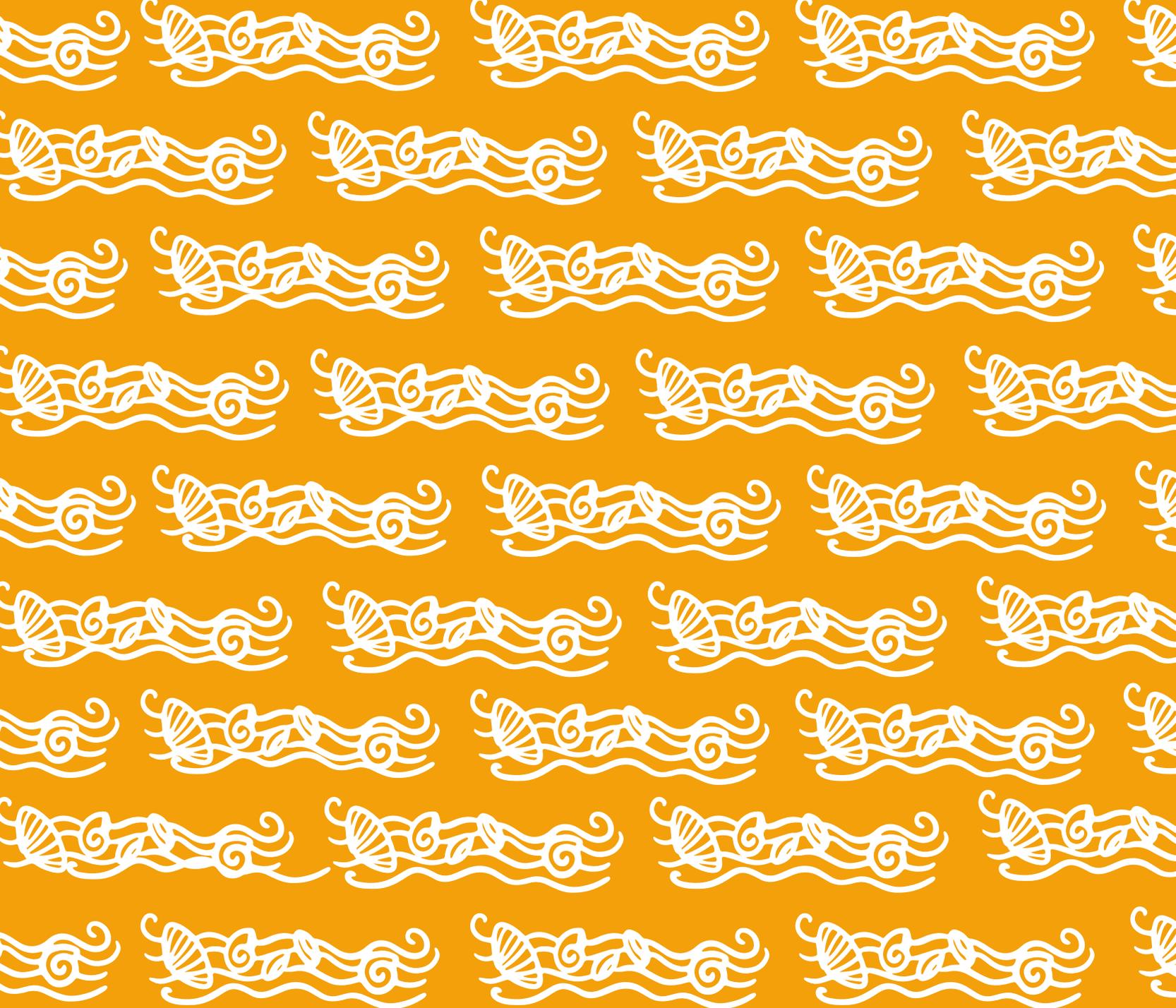




Conta-se que há muitos anos, em épocas de temporais, as pessoas da comunidade se reuniam em um só lugar e aguardavam em silêncio a chuva passar. O agrupamento era para que, se algo ruim acontecesse, aconteceria a todos, e a quietude por respeito, por entender que a natureza tem seu próprio tempo para cada coisa. Ainda hoje, os mais antigos mantêm a prática de emudecer durante os temporais, e podem exigir tamanha reverência a ponto de impedir que rádios e tvs sejam ligados e que seus filhos fiquem sem camisa ou descalços.

De repente, o contratempo da forte chuva impedindo nossa primeira conversa com Jovana ganhou outra conotação. Quem sabe não era a força dessa herança nos ensinando que era tempo de silenciar...?

O Quilombo de Bacurau, assim como os demais quilombos do Complexo de Machadinha, ainda luta pela titulação de suas terras



RESPEITO
A QUEM
ANTES
CHEGOU



Quilombo Baía Formosa Armação dos Búzios - RJ

A posição de Armação de Búzios numa península oceânica explica porque este município teve papel significativo para o comércio escravagista no Brasil, mesmo após a abolição. Os navios negreiros que aportavam no balneário traziam pessoas para serem escravizadas nas fazendas locais, como a Fazenda de Piraúna, Fazenda de Tauá, Fazenda Campos Novos e outras fazendas no interior do estado. Quando conseguiam escapar durante o desembarque, esses negros fugiam para a Ponta do Pai Vitório - hoje chamado de Morro do Arpoador - um mirante de onde podiam observar a aproximação de senhores de engenho e capatazes.

Atrás do Morro, segundo contava Dona Uia, griô da Comunidade da Rasa, ficava a "Praia do Negro" (hoje Praia da Rasa) onde esses se banhavam. Um estudo arqueológico demonstrou que os búzios (conchas) de tamanho grande eram usados como utensílios

por essa comunidade que começava a se formar.

Da Praia da Rasa, os quilombolas avançaram para outros espaços, formando diversas comunidades, dentre as quais está a Baía Formosa com cerca de 250 famílias.

Esse quilombo se divide em 4 agrupamentos: Núcleo "Perto da Sede" (chamado assim por se localizar próximo à sede da Associação do Quilombo de Baía Formosa), Núcleo Cezarina, Núcleo Zebina e Núcleo "Família Expulsa". **Esse último em referência à Família Fernandes Teixeira, que foi forçadamente removida para o bairro Jardim Però, localizado em Cabo Frio, após o proprietário da fazenda vizinha aumentar seu rebanho de gado e mover, arbitrariamente, a cerca que limitava suas terras. Foi a partir da violência sofrida por essa família, aliás, que surgiu a Associação do Quilombo de Baía Formosa.**

A associação foi criada por Elisabeth Fernandes Teixeira e os irmãos Cassiano e Joil Pinto para lutar pelo retorno à fazenda de origem, o que, quase 50 anos depois, ainda não aconteceu.

O Núcleo Zebina, o maior em concentração de pessoas, se refere ao território adquirido por essa matriarca, onde hoje vivem todos os seus descendentes, cerca de 46 famílias. Zebina era neta de pessoas escravizadas e comprou esse pedaço de terra através da troca de mercadorias e alimentos produzidos por ela. O terreno sem sofisticação e composto de casas simples encobre o que os especuladores imobiliários sabem bem: a linhagem de Zebina vive numa área de grande valor de mercado. Ladeado por um condomínio de classe média alta (e, majoritariamente, branco), os descendentes de Zebina sofrem todo tipo de assédio, desde ofertas financeiras pela compra dos lotes à acusação de invasão.

O cerco não vem apenas da elite local, mas também de representantes do Estado. As estradas de Búzios foram pavimentadas de tal forma que o quilombo ficou abaixo do nível da pista, de modo que, quando chove, as casas são alagadas. Apesar de ser um problema com o qual não lidavam antes da pavimentação, a única alternativa apresentada pelas autoridades locais para protegê-los foi a remoção, o que os moradores não aceitaram. Posteriormente, o governo local loteou uma grande área na Região dos Lagos que abrange o território de Zebina.

De um lado, criou o Parque Estadual Costa do Sol, local rodeado de praias paradisíacas e aberto à visitação.

Do outro, exclusivamente, onde vivem os descendentes de Zebina, classificou como Área de Proteção Ambiental. Dessa forma, hoje esse quilombo, a despeito da titulação de posse, está sob a ameaça constante de perder o que foi conquistado por sua antepassada. Vez ou outra, os moradores precisam abraçar suas casas impedindo que máquinas e tratores as derrubem. São impedidos de construir em seus próprios terrenos, vivem sem serviços básicos como coleta de lixo, água e energia elétrica legalizadas.





Para Ricardo, atual presidente da Associação de Baía Formosa, a razão desta perseguição é uma só: “para alguns, ter uma população negra numa terra de grande valor de mercado é inadmissível”. Emocionado, ele afirma que a maior luta de um quilombo é por respeito: “É o que, por muito tempo, nos foi negado e ainda é. Essa luta por nos respeitar, por nos dar o direito de morar onde é nosso, no lugar onde possamos ter energia elétrica, no lugar onde nossas ruas também possam ser cuidadas, o nosso lixo removido, porque nos grandes condomínios, o caminhão de lixo passa, recolhe o lixo. Na frente do nosso quilombo não. (...) Parece que ainda somos invisíveis. (...) Nós continuamos lutando por respeito, direito à saúde, direito à educação.”

em cumbucas de cerâmica produzidas pelas mulheres de Baía Formosa. Assim, conquistam espaço e voz no cenário turístico da cidade, provando que em Búzios, não tem só Brigitte Bardot. Tem as letras de músicas de Elisabeth, o canto e o batuque de Maria de Cássia, neta de Zebina. Tem ciranda e como diz a letra de uma delas:

*“Ciranda é em Baía Formosa
Ciranda é em Baía Formosa
Baía Formosa, Baía Formosa
Armação dos Búzios é
Baía Formosa, Baía Formosa
Quilombo de Búzios é”*

A maneira que encontraram para se tornarem visíveis foi através das manifestações de arte e cultura ancestrais. São elas que lhes dão notoriedade e, conseqüentemente, mais segurança. Participam de todos os eventos da cidade com apresentações de jongo, capoeira e receitas de verdadeiras iguarias típicas do quilombo, servidas





NEM UM
PÉ ATRÁS



Quilombo Botafogo Cabo Frio Cabo Frio - RJ

A Comunidade Remanescente de Quilombo Botafogo Cabo Frio é situada no município de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro. A história dessa comunidade nos foi contada por Seu Josué Ribeiro da Costa, 64 anos, presidente e fundador do Quilombo "um quilombola legítimo", como ele mesmo se intitulou. Seu Josué é oriundo do Quilombo Marambaia, em Mangaratiba, no Estado do Rio de Janeiro. Ele é filho de um português com uma negra. Seu pai o retirou da sua mãe e como ele era muito pequeno, não tem nenhuma lembrança dela. Foi criado por outra família, morou na cidade do Rio de Janeiro entre 15 e 20 anos até que foi morar na casa de Dona Sebastiana na região que se tornaria o Quilombo Botafogo Cabo Frio.

A origem do nome do quilombo é devido ao bairro onde é situado, chamado Botafogo, que fica na fronteira entre municípios Cabo Frio e São Pedro da Aldeia. Em São Pedro da Aldeia tem outra

comunidade denominada Botafogo Caveira, e por isso a comunidade tem o nome de Botafogo Cabo Frio. A comunidade viveu duas expulsões: a primeira expulsão foi ainda quando as famílias viviam na comunidade da Rasa. A partir desta expulsão, eles se deslocaram para outra região.

O território que as famílias ocuparam foi mais tarde invadido pela Marinha que chegou em 1964 e determinou que elas saíssem em 24 horas. Metade das famílias vieram do Quilombo da Rasa após serem expulsas. Após esta determinação, as famílias foram morar na terra em que estão atualmente, na região da Restinga, onde as casas e as lavouras foram construídas de forma coletiva.



O Quilombo Botafogo Cabo Frio tinha oito casas de farinha e atualmente não tem nenhuma, interferindo diretamente na geração de renda do local. **A chegada do que chamou de "ilusão do petróleo" teve um impacto muito grande na região. O agricultor, que já não tinha nenhum apoio do poder público, não tinha condição de plantar e esperar o tempo da colheita, assim, quando surgiu a chance de ganhar um salário trabalhando com o petróleo alguns agricultores deixaram de plantar, pois o retorno do plantio é mais demorado.** Seu Josué afirma que com a queda do petróleo as pessoas começaram a passar por dificuldades, por não plantarem mais e este foi um grande impacto, pois a comunidade abastecia uma parte da cidade com alimentos.

Ainda existem oito griôs no quilombo. A comunidade está num trabalho de retomada dos aspectos culturais que sofreram preconceito a partir da chegada de outras religiões na região, como a evangélica, que hoje predomina no quilombo. Segundo Seu Josué: "a princípio o que predominava era o candomblé, mas chegaram as igrejas e começaram a atacar". As pessoas que cultuam o candomblé são obrigadas a serem discretas, ficarem escondidas, mas ainda existe.

O jongo é muito perseguido pelos evangélicos, mas também persiste vivo. A quadrilha é uma manifestação cultural marcante para o quilombo, que também tem **Folia de Reis**, brincadeiras de roda e um grupo de 10 mulheres, denominado Raízes, que toca samba. A feijoada é a comida típica do quilombo. O peixe com pirão também é um prato que costumam fazer.

A Folia de Reis é uma manifestação cultural de origem católica para celebrar a visita dos 3 reis magos ao menino Jesus.





Seu Josué conta que antigamente existiam histórias que não existem mais. Existiam as mulas-sem-cabeça e lobisomem, por exemplo. As mulas-sem-cabeça são mulheres que batizavam o filho de alguém e depois passavam a ter relações com o afilhado e a partir dessa relação ela virava uma vez por semana a mula-sem-cabeça. Elas tinham características marcantes, usavam roupas compridas, tipo bruxas e faziam o bem, pois eram parteiras, curandeiras e conselheiras. Os lobisomens eram fáceis de identificar, pois a pessoa tinha um aspecto anêmico.

A comunidade sofre com falta de políticas públicas, sentindo-se abandonada, pois não tem a assistência devida do Estado. Não tem uma praça, não tem um posto de saúde bom e nem escola boa.

Existem mais de 300 mulheres que trabalham em pousadas, hotéis, restaurantes, outras trabalham como garis e devido a isso, a comunidade está lutando para ter uma creche. Atualmente tem em torno de 250 famílias no quilombo, tendo uma pequena parcela de agricultores.

Segundo Seu Josué as prioridades do quilombo são: primeiro combater a fome, mas também lutar pelo acesso a políticas públicas. O quilombo segue sua luta constante pela terra. Seu Josué fala da força para lutar, pois: “o quilombola não move um pé atrás. Pode até ficar parado, mas não move um pé atrás”. Com toda esta luta, Seu Josué afirma que só pretende sair da sua terra para sua morada final.

“o quilombola não move um pé atrás. Pode até ficar parado, mas não move um pé atrás”





RESISTÊNCIA
PALAVRA
FEMININA



Quilombo da Rasa Armação dos Búzios - RJ

Praia da Rasa, no balneário de Armação dos Búzios, no estado do Rio de Janeiro, durante o período colonial e mesmo após a abolição da escravidão, foi um local utilizado para a chegada de navios negreiros e para a venda e a distribuição de pessoas escravizadas.

Dentre as muitas fazendas que existiam na região e para onde poderiam ser enviados, a principal delas era a Fazenda Campos Novos. Segundo relatos, os negros que conseguiam fugir no momento do desembarque ou das fazendas, se escondiam na mata Rasa e próximo dali iniciaram o que hoje é a Comunidade da Rasa.

Dona Eva Maria, moradora centenária do quilombo, nascida poucos anos após a assinatura da Lei Áurea, sentiu literalmente em sua pele a falácia da abolição. Ainda criança trabalhava junto aos seus pais na mesma fazenda onde seus antepassados haviam sido escravizados. Ela conta que saíam de casa sem se alimentar e assim permaneciam por todo dia, já que nada lhes era oferecido

lá. Na comunidade da Rasa não haviam ruas, apenas trilhas, e era preciso andar longas distâncias para buscar água. Comiam apenas do que plantavam.

Muitos anos depois, foi no quintal de Dona Eva que alguns moradores iniciaram as reuniões que culminaram na criação da Associação dos Remanescentes do Quilombo da Rasa, presidida por sua filha, Dona Uia, figura marcante nessa comunidade e na luta quilombola.



Dona Uia participou da fundação da ACQUILERJ - Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro e representou seu quilombo em diversos espaços de luta do Movimento Negro pelo Brasil. Acompanhou de perto o reconhecimento de sua comunidade pela Fundação Palmares e a demarcação desse território com o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Adriano Gonçalves, atual presidente da Associação, é enfático em dizer que não fosse Dona Uia não haveria uma comunidade quilombola ali e que hoje eles apenas dão continuidade àquilo que ela conquistou.

Além de uma liderança, Dona Uia era griô. **Nas reuniões em sua casa, as pautas políticas eram suavizadas com contos folclóricos e lendas locais, que podiam provocar medo, ou risadas entre os mais céticos.** Dentre as histórias mais bonitas está a de uma brincadeira da sua infância. Uia contava que ela e outras meninas faziam bonecas de pano e a elas davam nomes. Depois preparavam uma cerimônia de batizado das bonecas, com direito a comidinhas e a participação de padrinhos, madrinhas e até um padre.

Ainda que fosse apenas uma encenação, essas crianças que

cresciam juntas criavam o hábito de se tratarem por "comadre" e "compadre" por toda a vida. O que era apenas uma lembrança de uma menina nascida ali, virou uma manifestação cultural do quilombo. Atualmente, um grupo de mulheres artesãs faz bonecas de pano e encena o batizado, dançando ao som do maculelê; uma reverência a essa tradição e à Dona Uia, que os deixou em 2020, vítima da Covid-19.

Hoje Rasa está bem diferente daquela comunidade das memórias de infância de Dona Eva. **Transformou-se num quilombo urbano, com ruas asfaltadas, escolas, mercados, postos de saúde, casas e condomínios. A especulação imobiliária, aliás, e a chegada de muitas pessoas de fora explicam esse desenvolvimento.**

Mesmo sendo numerosas, cerca de 750, as famílias quilombolas tornaram-se minoria na população local e seguem lutando pelo direito às suas terras. **Revivem a mesma experiência de seus antepassados de serem deixados à própria sorte após o fim da escravidão.**



Sem nenhum apoio do Estado, lidam com a ameaça de invasores, de grileiros e de milicianos. Encurralados pelo perigo e pela longa espera do título de posse, decidiram firmar acordos com os “donos” dos novos empreendimentos para ter, pelo menos, parte do que lhes é direito: **a terra onde seus antepassados se refugiaram, plantaram e viveram.**





'Ó, EU SOU DO
QUILOMBO
DE BARRINHA'



Quilombo de Barrinha São Francisco de Itabapoana - RJ

O Quilombo de Barrinha, localizado no município de São Francisco de Itabapoana, no litoral norte fluminense, tem uma estreita relação com o mar. Os primeiros habitantes desta terra, trazidos à força em navios negreiros para serem escravizados nas fazendas de engenho de cana de açúcar, fugiram na chegada à costa e se embrenharam no matagal onde construíram a Comunidade de Barrinha

Aqueles que sucumbiram na penosa viagem desde o continente africano foram enterrados numa área próxima - na Praia de Manguinhos - onde, quando a maré está baixa, ainda é possível encontrar fragmentos de crânios e ossadas humanas. Aliás, a existência deste "cemitério de escravos" contribuiu para que Barrinha fosse reconhecida como quilombo.

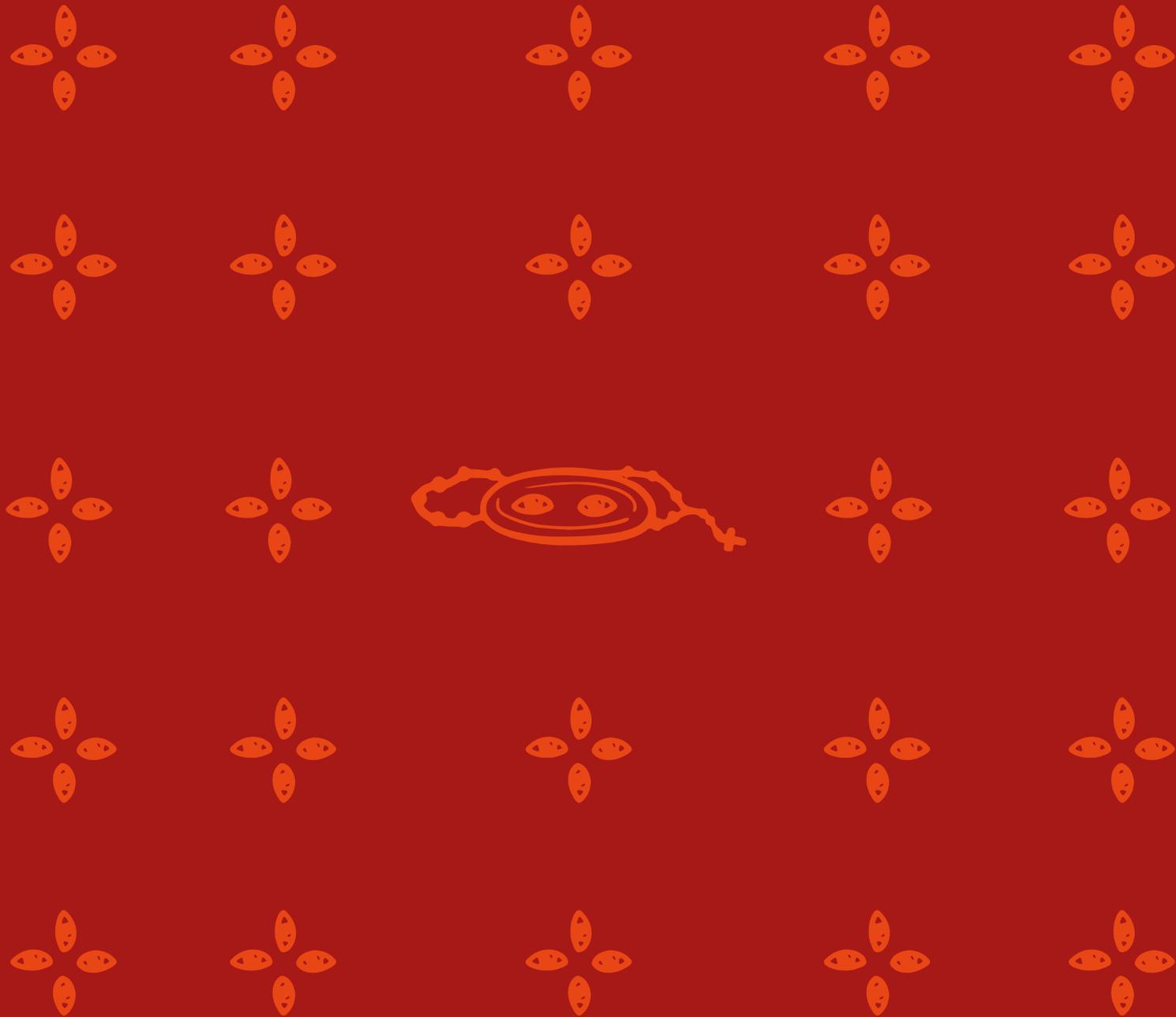
A prática de extração das ostras é uma tradição ancestral feminina muito forte em Barrinha, assim como o jongo.

Ao som de tambores e do canto de Lídia, as mulheres dançam vestidas com saias longas, rodadas e floridas, blusas caídas de sobre os ombros e, como diz Valdemira, "*algum entulhozinho na cabeça*".

Além do marisco e da pesca, essa comunidade de cerca de 140 habitantes tem a agricultura como uma de suas principais atividades. A pouca oferta de serviços locais, entretanto, faz com que muitos procurem fora por oportunidades de emprego. Apesar disso, para a nonagenária Dona Arlete, neta de escravizados e moradora nascida ali, a vida está melhor, porque hoje há liberdade. Segundo Valdemira, Dona Arlete relembra o tempo quando trabalhou como empregada doméstica em fazendas da região, em que não lhe era permitido sequer comer a mesma comida que suas patroas, uma vivência muito parecida com a de seus antepassados escravizados. Valdemira, entretanto, vê o racismo como um limitador desta liberdade, especialmente para quilombolas.

Na contramão do preconceito, a comunidade tem como marca de resistência a preservação de sua história. Valdemira fala do orgulho de ver "um filho da gente" se reconhecendo como negro e quilombola. "A gente procura contar pros filhos da gente o que os nossos pais contavam da época deles, como que eles viviam. A gente procura contar como que foi a história, como que o negro é discriminado, a gente procura muito passar pros filhos da gente, a mostrar pra eles a enfrentar o preconceito, que é muito grande. A gente procura muito passar não só para os filhos, mas às vezes conversando com algumas crianças da comunidade também, passamos isso pra comunidade pra gente procurar se acolher mais e se sentir como gente e nunca ter vergonha de chegar em lugar nenhum e se apresentar: 'Ó, eu sou do Quilombo de Barrinha'. Não ter vergonha pra que isso não surja como uma mancha diante da gente".





PASSADO
SOBRENATURAL



Quilombo de Santa Luzia Quissamã - RJ

A história do Quilombo de Santa Luzia se mistura à história da família de Maria da Natividade Rodrigues Ribeiro da Conceição, senhora de 89 anos, conhecida como Mãe Preta. Após a abolição, o sítio onde o quilombo está situado foi posto em inventário. Seu avô Jacinto José Pacheco, que foi cozinheiro na casa de Luiz de Queiroz e Dona Didi, na Fazenda Machadinha, assumiu os impostos de arrendamento dessas terras e se manteve ali com sua família por muitos anos.

Em certo momento de aperto, Jacinto não teve mais como cumprir com o compromisso de pagar os impostos. Foi quando sua avó, Guilhermina Rodrigues Pacheco, pediu socorro a seu filho Boaventura, padrinho de Preta, que trabalhava em São Paulo.

Ele assumiu os custos do arrendamento sob a condição de que o terreno fosse dividido com todos os seus irmãos, "que eram mais sacrificados

do que ele", conta Mãe Preta. Assim, a partir da família Pacheco, surgiu o Quilombo de Santa Luzia.

Quando Mãe Preta nasceu, Santa Luzia tinha apenas três casas: a casa de seu pai, a casa de seu tio e a casa de seu padrinho Boaventura. Hoje ela nem sabe precisar quantas casas são, diz apenas que "tem bastante". A família cresceu e todos os descendentes permaneceram ali, "só não está aqui quem Deus já levou e já estão em seus lugares".

O nome é em homenagem à padroeira do quilombo, Santa Luzia, de quem Guilhermina era devota. Preta conta que ganhou de sua avó uma imagem da santa e guardou em sua casa como uma herança.

Certo dia, foi à prefeitura de Quissamã pedir que lhe fizessem um quartinho para celebrar uma missa e rezar o terço, e mostrou a relíquia que tinha em mãos. O prefeito atendeu o seu pedido e construiu dentro do sítio a Capela de Santa Luzia. O mobiliário do santuário foi adquirido através de bingos e doações.

Mãe Preta conta que a imagem de Santa Luzia é pequenininha, feita de gesso, mas que tem um imenso valor sentimental. "Só vou me separar dela só por morte", afirma. Quando precisou ser restaurada no Rio de Janeiro, ela a embrulhou com muito cuidado e a escondeu como quem carrega um tesouro. Ironicamente, foi no curto trajeto entre a casa de Mãe Preta e a capela, que a pequena tiara de ouro da santa se perdeu. Mãe Preta lamenta nunca mais tê-la encontrado.

Além da igreja da padroeira, quem visita o quilombo pode conhecer o salão, onde a comunidade se reúne em dias de festas. Mãe Preta é uma incentivadora da cultura do jongo. Juntamente com Dona Xêro, do núcleo de Machadinha, ela é uma das responsáveis pelo resgate da dança no Quilombo:

"Sou uma criolona importante. Sou muito procurada, por muitas pessoas. (...) Quando pensam que estou em casa, tô viajando! É pro Rio de Janeiro, é prum canto e é pra outro... Esses dias mesmo fui pra Macaé dançar um jongo. (...) Todo mundo que me procura, é gente de alto nível! Eu tenho andado, minha moça, em lugar

que... só Deus! Só Deus! Lugar que eu sinto até vergonha, mas eles me procura (sic), eu vou."

Mãe Preta aprendeu a dançar jongo com sua tia que, em tempo de lua cheia, enfileirava um grupo de meninas e levava para dançar em Machadinha. Chegando lá, chamava Seu Valdemiro para bater o tambor e Jandira para dançar com elas. Com essa vivência desde a infância, sabe bem explicar a diferença entre o jongo e o fado, outra dança típica da região: "O fado é pandeiro e viola. Tem os cantador e tem os dançador. São 4, são dois homens e duas donas pra dançar. Aí faz aquela roda grande. Os homens vai na frente batendo palma e sapateando e as dona vai atrás garradas nas cadeiras deles com cotovelo", diz sorrindo como quem conta algo indecoroso. "O jongo é uma roda de menino e menina, e o fado é só com adulto. (...) O jongo tem aquele vestido comprido e o fado aquela saia amarela, muito enfeitada, blusa... os homens de botina, de camisa quadriculada, de chapéu".





Para Mãe Preta, a vida em Santa Luzia melhorou muito nos últimos anos. Ela diz que o lugar “já foi muito sacrificado”, mas que agora conta com muitas coisas que não existiam antes, como a capelinha, a praça com parquinho e um ônibus que leva as crianças da comunidade para a escola que fica em Machadinha.



Além dos poucos recursos, para Mãe Preta, o passado no quilombo era mais difícil por causa da presença de seres sobrenaturais. Ela conta que, antigamente, o sítio era invadido por lobisomens, vindos do quilombo vizinho. Segundo ela, eles invadiam a casa de farinha de Machadinha para comer o que havia sido produzido pelas donas. Além de lobos, eles também eram capazes de virar porcos, repetindo uma oração de entrega da própria alma ao diabo. Mas, um dia, um deles foi pego comendo, trepado sobre o forno. Com o susto, voltou à forma humana: “Era o tal do Antônio Simi e Chico Simi, era pai e filho. Aí desencantou eles, não virou mais. Acabou”, diverte-se Mãe Preta.





ECOA
A LUTA



Quilombo Deserto Feliz São Francisco de Itabapoana - RJ

A Comunidade Remanescente de Quilombo Deserto Feliz, localizada no município de São Francisco de Itabapoana, no Estado do Rio de Janeiro, teve sua história contada por Poliana Cruz Santos. Poliana, de 32 anos, é quilombola, cabelereira e tem muito orgulho em dizer que desde nova cantava jongo com seu avô. Ela atuava como liderança local, mas teve que se afastar para cuidar de sua criança.

A história da comunidade é apresentada por fragmentos que Poliana ouvia. Uma das versões é que na localidade existia uma fazenda e o fazendeiro resolveu vender os pedaços de terra para pessoas que não tinham tanto dinheiro para comprar. Outra versão para a história do quilombo é que ele começa a partir da fuga de um escravizado de uma fazenda. Este escravizado resolveu fugir com medo de ser morto, devido aos castigos sofridos constantemente.

O nome do quilombo se deu pela característica da localização da morada dos escravizados. Por trás das montanhas que existiam no local, que não tinha movimento e havia muito pouca população, era possível ouvir o eco das risadas dos moradores que alcançava uma distância considerável. Por ser um local que não era muito povoado e que era possível ouvir o som das risadas mesmo de longe, se tornou, então, o Deserto Feliz.

Entre os mais velhos da comunidade está sua avó, Dona Santinha, de 90 anos, e seu tio Alcino, 87 anos. Foi com seu avô e com seu tio que Poliana aprendeu a gostar do jongo, manifestação que ela diz ainda sofrer muito preconceito, assim como ser quilombola. Afirma "todos deveriam ter orgulho e não vergonha ou preconceito por ter relação direta com ex-escravizados"

Com cerca de 55 famílias no quilombo, a comunidade está começando um projeto de escolinha de futebol para crianças, que ainda brincam de ciranda, assim como Poliana já brincou muito. A maioria das pessoas hoje é evangélica e no território tem plantação de aipim e abóbora. A casa de farinha, entretanto, já está desativada.

Tradições ainda se mantêm, mas algumas ficam apenas na memória. Deserto Feliz tinha um ritual: antigamente eram trocados os santos das casas com o intuito de fazer chover. Na maioria das vezes funcionava. Era preciso trocar os santos, algumas vezes cantar músicas e, principalmente, ter fé.

Além do orgulho de ser quilombola, Poliana enfatiza a importância da união e da coletividade existente no quilombo, pois são famílias que formaram uma família ainda maior, sendo todo mundo parente. A principal luta da comunidade é pela terra, bem como, ter como se manter na sua terra. Poliana destaca a falta de acesso a políticas públicas, pois falta um posto de saúde e não tem transporte, por exemplo. O quilombo se sente esquecido pela prefeitura.

Com toda dificuldade enfrentada, o quilombo Deserto Feliz se mantém firme na luta graças à força, à união, à coletividade, e à alegria em pertencer à comunidade. Se as risadas ecoavam do Deserto Feliz, hoje ecoam também as palavras de luta.

O quilombo Deserto Feliz se mantém firme na luta graças à força, à união, à coletividade, e à alegria em pertencer à comunidade.





GRAÚNA
É PÁSSARO
QUE ENSINA



Quilombo Graúna Itapemirim - ES

A Comunidade Remanescente de Quilombo Graúna se localiza no município de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo. Ouvimos um pouco da história da comunidade por Seu Leandro Silva Fabiano, de 45 anos. Seu Leandro é presidente da Associação Comunitária Quilombola de Graúna, ele nos contou que pertence a uma família humilde e aos 12 anos deixou os estudos de lado para trabalhar. Mas, não parou por aí e aos 22 anos, já casado e com duas filhas, retornou para concluir o Ensino Médio. Aos 45 anos concluiu a graduação em Pedagogia.

O quilombo surge a partir das terras que foram doadas por fazendeiros que cultivavam café, logo após o fim do trabalho escravo. As pessoas que trabalhavam na fazenda receberam pedaços de terra que foram dando origem à comunidade de Graúna, nome esse que tem origem pejorativa e preconceituosa. **Como a região era repleta de pessoas negras com pele bem**

escura, as pessoas de fora se referiam a elas como aqueles graúnas, em referência ao pássaro preto. Aquela expressão que foi utilizada de forma preconceituosa é ressignificada, sendo hoje utilizada com muito orgulho de pertencer a este território.

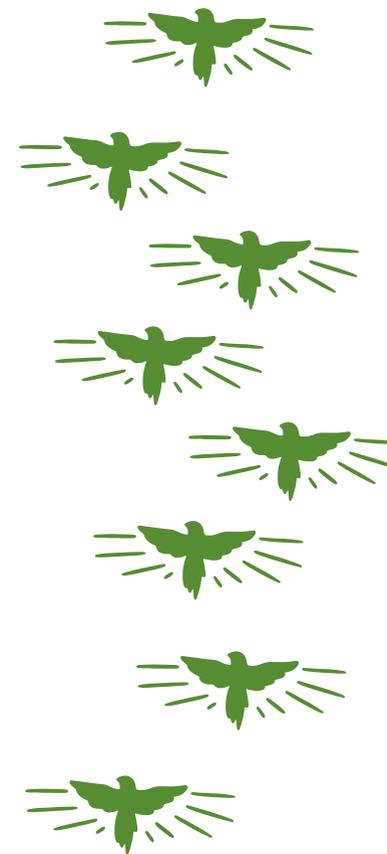
A tristeza está presente na voz e no olhar de Leandro quando o assunto são as manifestações culturais do quilombo hoje. A voz vai mudando e o sorriso se abrindo, quando conta que o jongo - esse tal de jongo é forte mesmo - vem sendo resgatado. Ele enfatiza que está ainda no início desse retorno, mas que já é possível percebê-lo.

O quilombo tem por volta de 600 famílias, sendo a maioria da comunidade evangélica. Para Seu Leandro a união, a coletividade e o orgulho de pertencer à comunidade são os maiores valores de Graúna. "Aqui é meu lugar, é onde eu vivo, o território que me identifico. Aqui que estão minhas raízes."

E essas raízes são fortes, profundas, e a terra é a principal luta. O quilombo reivindica um terreno que está dentro do seu território e se encontra sem ser utilizado. Seu Leandro, acabou de abrir um protocolo na prefeitura reivindicando esse pedaço de terra: estão lutando para ter o direito de trabalhar ali. A conquista desse terreno é também a conquista da autonomia de Graúna.

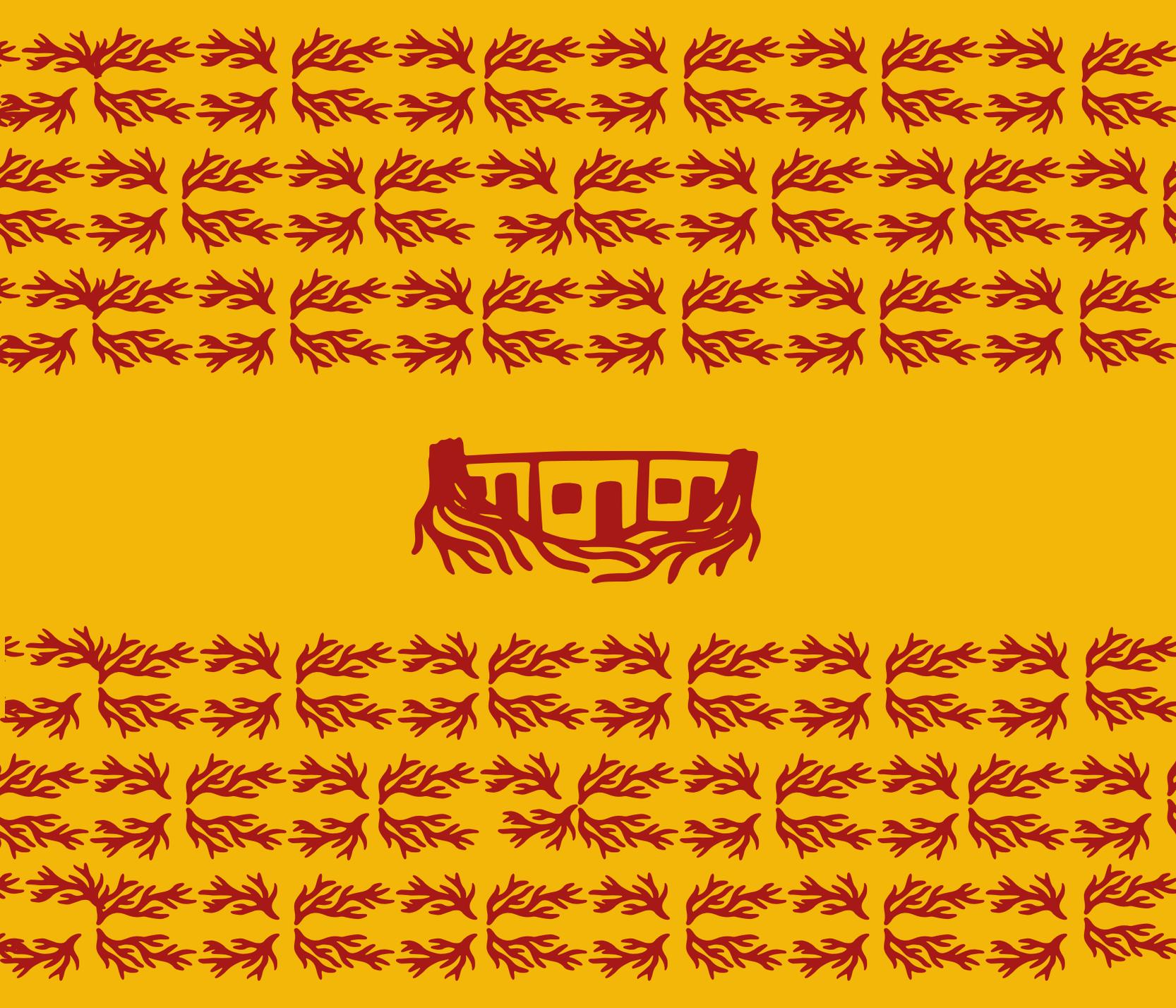
Autonomia porque no quilombo até existe o cultivo de agricultura familiar em algumas regiões, tendo plantações de aipim e abacaxi, por exemplo. Mas, a maioria das pessoas não trabalham pra si. os homens trabalham na lavoura de cana-de-açúcar, enquanto as mulheres trabalham como empregadas domésticas.

Por isso, a luta e a busca pela autonomia são compartilhadas pelo povo do quilombo e pode ser percebida na jornada de Seu Leandro. Seu Leandro soube o momento de parar de estudar - e soube mais ainda a hora de voltar. O povo do quilombo Graúna é sábio também: sabe que a hora de parar não chegou e não vai se calar. Graúna é passaro negro e reluzente, de voo bonito e canto forte. Graúna é passaro que ensina.





CENTRO ESPORTIVO ANTÔNIO MINGUTA PEIXOTO



DURA
BELEZA:
PARA NUNCA
ESQUECER



Quilombo da Machadinha Quissamã - RJ

Originalmente habitada pelo povo goitacás, as terras compreendidas entre o Rio Macaé e o Cabo de São Tomé, hoje chamada de Quissamã, município do Norte Fluminense, foram entregues por sesmarias aos “Sete Capitães”, no século XVI, em pagamento por serviços prestados à Coroa Portuguesa.

Conta-se que, ao chegarem na região, à beira da lagoa, os portugueses foram recebidos pelos indígenas e por um homem negro que estava entre eles. Quando perguntaram ao tal homem o seu nome e como viera parar ali, ele respondeu que se chamava Forro, oriundo da Nação de **Quissama**, em Luanda, capital de Angola.

A palavra original **Quissama** se escreve sem o til, pois a Nação africana que deu origem ao nome tem entonação diferente do município brasileiro. Lê-se “Quissâma



Amedrontado com o interrogatório, ele fugiu. Posteriormente, em viagem à Angola, os portugueses descobriram existir um lugar chamado Quissama, que significa “o fruto entre o Rio e o mar”. De volta à capitania, deram a ela o nome de Quissamã, em referência ao negro que nunca mais conseguiram encontrar.

No início do século XVIII, foi fundada em Quissamã, a Fazenda Machadinha, chamada assim pela misteriosa presença de ossos e pedras em formato de machado. Foi ali, que no período imperial, o fidalgo e fazendeiro, Manoel Carneiro da Silva, o Visconde de Ururá, construiu o primeiro engenho de cana de açúcar.

Em 1979, a propriedade foi tombada pelo INEPAC - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – passando a se chamar Patrimônio Histórico Fazenda Machadinha. No local, ponto turístico da cidade, é possível visitar o Casarão, hoje chamado de Casa das Ruínas, onde viveu o Manoel Carneiro da Silva e sua esposa, Ana Loreto Carneiro Viana de Lima, filha de Duque de Caxias; a Casa de Artes, originalmente uma

cavaliária, onde eram cuidados os cavalos dos senhores de engenho, e hoje um restaurante de culinária tradicional; o Armazém, que era abastecido com alimentos para os escravos como paga de seu trabalho na lavoura ou na Casa Grande, que hoje funciona como um bar, mas com a estrutura e mobiliário originais; e a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, em homenagem à padroeira do lugar.

Além destas construções que contam a história de um período importante do passado do Brasil, Machadinha tem um complexo de senzalas cujas fachadas mantêm as características originais, mas por dentro são casas comuns onde vivem famílias afrodescendentes.

A história dessa fazenda é atravessada pela crueldade da escravidão. Em 2006, foi reconhecida como território quilombola pela Fundação Palmares, bem como os outros quatro agrupamentos que compõem o Quilombo de Machadinha: Bacurau, Mutum, Santa Luzia e Boa Vista.

O grande potencial para o turismo histórico de Quissamã fez com que os quilombolas tivessem que travar verdadeira batalha para permanecerem no

local onde nasceram e onde viveram seus antepassados. Na tentativa de destinar a área apenas para visitação, a prefeitura insistia em removê-los de lá. As senzalas em que moravam ficaram muitos anos sem o devido cuidado e a alegação usada pelo governo local era que se manter nelas traria riscos à sua saúde e à sua segurança.

Com muita resistência, eles se mantiveram firmes na decisão de continuarem ali. Conviveram com rachaduras e goteiras até que conquistaram o direito à reforma e à permanência. Foram, então, criados dois conjuntos de **casas de passagem** para que eles morassem durante a obra que durou quatro anos. Após esse período, os quilombolas iniciaram nova luta para terem direito também às casas de passagem, já que as famílias haviam crescido e não era mais possível abrigar a todos somente nas senzalas. Hoje, as famílias se dividem nos dois espaços.





Casas temporárias criadas pelo poder público para moradia das famílias durante a obra estrutural das senzalas.



Nosso passeio pela história de Quissamã e do Quilombo de Machadinho, foi guiado por Dalma dos Santos, tataraneta de escravos, professora, contadora de histórias, escritora e Diretora do Memorial Machadinho - antigo salão onde eram realizados os bailes e festas da comunidade, e que atualmente abriga uma exposição sobre a origem do quilombo.

Lá é possível encontrar adereços e fotos de pessoas de Quissama, possível ponto de partida da diáspora de Machadinho, e fotos antigas da própria comunidade, como do Armazém e da Casa Grande antes da ruína.

O salão é também um espaço de fomento da cultura quilombola. O Projeto Flores da Senzala, escrito por Dalma em 2015, promove a contação de histórias, o jongo mirim (com aulas de dança e batuque de tambores para crianças), a memória do fado e o artesanato de **bonecas abayomi**

Artesanato de **bonecas abayomi** é o nome dado às bonecas de tecido negro, feitas sem cola, sem costura, sem olhos, sem estrutura interna e sem detalhes — apenas com nós, dobraduras e cortes — ou rasgos. As bonecas são associadas à resistência, ao amor de mãe, à proteção



Memorial Machadinha

Funcionamento
Quarta a Sexta - 10h às 17h
Sábado, Domingo e Feriado - 10h às 15h



Houve um tempo em que não era permitido às crianças participarem de certas manifestações culturais. Dona Xêro, uma das principais responsáveis pelo resgate da herança do jongo no quilombo, discordava dessa regra e passou a levar a dança para dentro da escola. Antes de morrer, pediu aos mais jovens que não deixassem “o tambor morrer”. Atualmente, é Jovana, sua neta, quem coordena o grupo mirim no Memorial.

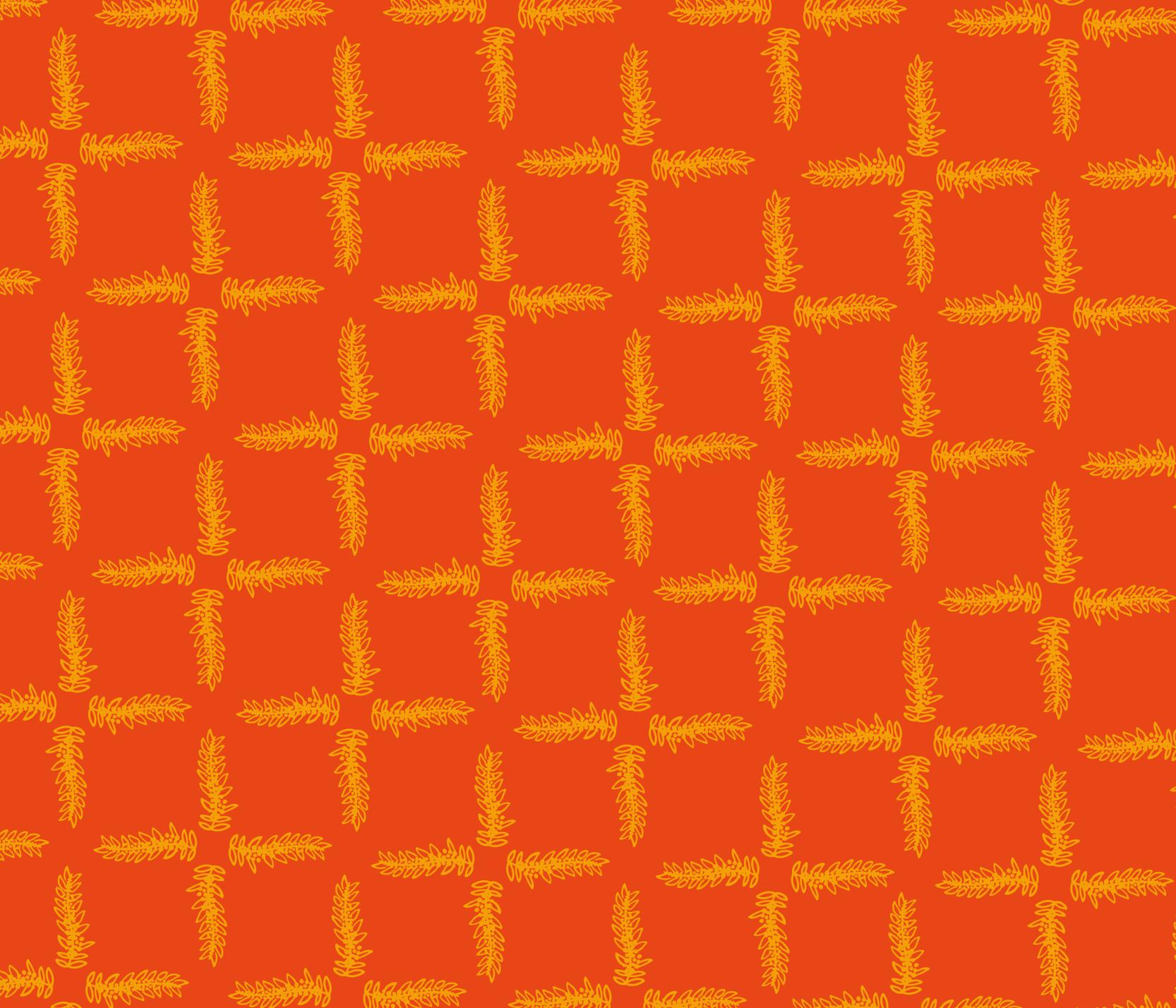
Na Casa de Artes também é possível conhecer mais sobre essa comunidade através da tradicional culinária quilombola. Cada prato vem acompanhado de uma história como, por exemplo, o Bolo Falso. Conta-se que durante uma madrugada, a Baronesa, grávida, sentiu o desejo de comer bolo de aipim. A cozinheira informou que não havia aipim na casa nem era possível colher naquela hora. A Baronesa disse que não admitia correr o risco de ter um filho com cara de aipim e que, portanto, a escrava desse um jeito. Usando os ingredientes que tinha à mão, como leite e farinha de mesa, criou um delicioso “bolo de aipim”, sem aipim que, entre os escravos, ganhou o título de “bolo falso”.

Cada uma dessas linguagens da cultura de Machadinha revelam a herança e a força de seu povo, num movimento constante entre a dor e a beleza. Como, por exemplo, o jongo, a dança dos trabalhadores escravizados na lavoura de cana de açúcar, que era um grito de prazer e

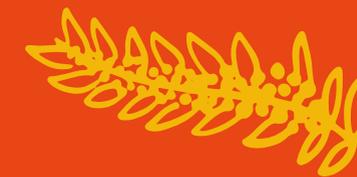
alegria em meio ao sofrimento da escravidão. Ou as bonecas abayomi, uma herança artesanal das mulheres negras que rasgavam as barras de suas saias para criarem para suas filhas um passatempo durante as terríveis viagens dos navios negreiros, numa tentativa vã de preservar um traço de suas infâncias. Ou então a criatividade e o manejo da cozinheira escravizada em inventar uma receita deliciosa e improvisada diante da intransigência da sinhazinha. Por fim, a valorização da oralidade com as histórias contadas por aqueles que nunca puderam aprender a ler e escrever.

Assim, na coletividade, honrando os mais velhos, a dança de Dona Xêro e Dona Preta, o batuque de Mestre Valdemiro, os contos de Seu Tide e Seu Jobel, e ensinando aos mais jovens como, Jovana, o Mestre Leandro e as crianças da comunidade, Machadinha traz à luz um tempo triste da história brasileira, mas também ressalta a resistência e a força do povo quilombola, manifestas em saberes, sabores, arte e beleza.





SORRISO
DE
VENCEDOR





Quilombo Maria Joaquina Cabo Frio - RJ

A Comunidade Remanescente de Quilombo Maria Joaquina, situada no município de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro, apresenta uma história constante de luta que nos foi apresentada através da força e do sorriso de Dona Landina Maria Antônia de Oliveira, 66 anos. Dona Landina, presidente da Associação, é neta de escravizada, que tem muito orgulho de ser nascida, criada no quilombo e casada com um quilombola.

O nome da comunidade Maria Joaquina surge a partir de uma escravizada muito antiga. Muitas pessoas que pertenciam ao quilombo foram expulsas por fazendeiros e entre as pessoas que ficaram está a avó de Dona Landina juntamente com mais dois vizinhos, se tornando, então, as famílias que deram origem à comunidade, algumas até que tiveram que pagar arrendamento para morar na terra. Uma história sofrida, mas também de um povo vencedor, como afirma Dona Landina.

A mais velha do quilombo é a sogra de Dona Landina, Dona Eva Maria, 111 anos, que atualmente mora na comunidade da Rasa. A partir da morte de seu marido, Dona Eva foi morar com a filha. Já morando na comunidade Dona Niceia Alves, de 84 anos, é a mais antiga. Dona Landina conta sobre o jongo, as festas de terreiro e o carnaval na época do seu avô, manifestações estas que se acabaram com o tempo. A comunidade não tinha muita diversão, então a rotina era essa ou trabalhar na casa de farinha. Dentre as manifestações que continuam até hoje está a quadrilha e a bela fogueira que se acende em época de São João. Muita coisa se perdeu.

O quilombo atualmente é formado por 120 famílias e dividido em 3 núcleos: núcleos 1, 2 e 3. Mesmo com esta divisão, Dona Landina é enfática em dizer que se trata de uma comunidade só. **Comunidade esta que apresenta uma diversidade em relação à religiosidade, sendo a maioria evangélicos, uma parte de**

fiéis católicos e alguns ainda de religião de matriz africana.

No quilombo há o campo de futebol, que tem jogo todo domingo e espaços de visitação, como a casa de farinha, a horta comunitária e o caminho da aroeira. **As catadoras de aroeiras representam uma parte importante da comunidade.**

Em Maria Joaquina são feitas caminhadas para "catação de aroeira", em época de colheita. É uma atividade que contribui para a sustentabilidade da comunidade. Através dela, muitas famílias têm seu sustento. Essa atividade foi muito importante no contexto da pandemia.

Além da horta comunitária, o quilombo planta banana, aipim, milho, acerola, abacate e jaca. A principal luta da comunidade é pela titulação da sua terra, e por este objetivo seguem na sua resistência para garantir sua existência. Outra luta importante é a por acesso a políticas públicas.

Sem luz na comunidade, a população utilizava lamparina de querosene e em noite de lua cheia o Boi Tatá passava com uma tocha na mão colocando fogo nas lamparinas durante a noite. Criança que fizesse algo errado, o Boi Tatá ia atrás. Dona Landina morria de medo.

Mas o medo não a acompanhou por muito tempo. Com sua generosidade e seu carisma é uma representante da luta, da força e do orgulho de ser quilombola presente no brilho dos seus olhos e no sorriso contagiante de quem afirma que faz parte de um povo de luta e vencedor.







RAIZ
FORTE





Quilombo Maria Romana Cabo Frio - RJ

A Comunidade Remanescente de Quilombo Maria Romana, situada no município de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro, apresenta uma história linda e rica em resistência que nos foi permitida conhecer através de Seu Lamiel Leopoldino Barreto. Seu Lamiel, 50 anos, presidente da Associação de Moradores, tem muito orgulho de ser quilombola, da sua ancestralidade, da sua raiz, como ele mesmo afirma. Apesar do reconhecimento de sua terra só acontecer em 2011, essa história vem de muito longe.

A relação de Seu Lamiel com a comunidade vem bem antes dele, pois é uma ligação familiar passada por gerações. Sua tataravó e seu tataravô vieram do Congo e trabalharam na Fazenda Campos Novos. O Convento de Cabo Frio teve a mão de obra do seu tataravô, do seu bisavô e do seu avô.

Seu bisavô foi escravizado, mas tinha um ofício que garantia distinção. Ele era carpinteiro e devido a sua habilidade realizava diversos trabalhos, não somente para o senhor que o tinha como propriedade mas, também,

para os demais fazendeiros da região. Ele construía casebres, senzalas, casas de farinha, casarão, entre outros. Devido ao destaque pelo seu ofício, o bisavô de Seu Lamiel, conseguiu junto ao senhor dono da fazenda, um pedaço de terra após a Abolição da Escravatura.

Seu Lamiel é enfático ao afirmar que a terra não foi dada, pois seu bisavô teve que continuar trabalhando por 20 anos na fazenda para pagar pela sua terra. Em 1925, o fazendeiro fez a escritura da terra. A escritura que deveria ser registrada no nome da bisavó de Seu Lamiel, Romana Maria da Conceição, foi registrada no nome de sua tia avó, Maria Romana da Conceição. Sua bisavó viveu até os 91 anos e sua família não a deixou casar para não correr o risco de perder a terra.

Antes de morrer, fez um testamento deixando a terra para 31 herdeiros, entre irmãos, sobrinhos e primos. A partir do registro dessa terra, a

Comunidade Remanescente de Quilombo ganha seu nome de Maria Romana.

Este é só o início de uma história de resistência que segue se atualizando. A maioria das pessoas da comunidade eram ligadas ao candomblé, mas com a chegada dos evangélicos, 90% se converteu. Além da conversão, os costumes de origem africana foram perseguidos, como a capoeira e o jongo, pois os evangélicos demonizaram essas práticas. Mesmo com as constantes perseguições, aos poucos, alguns moradores já começaram a praticar capoeira, todos entenderam que o jongo é arte e cultura e, assim, começaram a ver além do preconceito.

Entre os mais velhos da comunidade estão Dona Ércia Elias de Abreu, com 86 anos, conhecida como Tia Côco e Seu Noélio Barreto, com 78 anos, pai de Seu Lamiel, conhecido como Noé. É desse tronco familiar que vem a origem dessa comunidade, bem como, a sua permanência até a atualidade. Eram nove famílias no início e atualmente são 44 famílias, totalizando 178 pessoas. Foi através dos ensinamentos dos mais velhos que alguns valores foram sendo passados de geração em geração.

Foi com os mais velhos que Seu Lamiel aprendeu como plantar amendoim. Durante o plantio, ninguém podia comer. Então, as sementes de amendoim eram colocadas em um penico lavado para serem distribuídas para o plantio. Dessa forma, era garantido que ninguém comeria, e todas as sementes seriam plantadas.

Sua principal atividade profissional é parte importante da comunidade, pois como afirma Seu Lamiel: “a cultura é nossa principal atividade e nossa cultura é a agricultura”. Na comunidade são plantados aipim, milho, feijão, feijão de corda, cana, entre outros. Há muitas árvores frutíferas no quilombo.

Existem casas de farinha e eles fazem também tapioca, beijú, entre outros. Seu Lamiel está preparando uma casa de farinha artesanal para produzir farinha e ser um espaço de visitação. Ele não quer que as pessoas cheguem na comunidade e vejam uma casa de farinha moderna somente, mas vejam como era que se produzia farinha há 100 anos atrás, além de ser muito mais gostosa, como afirma.



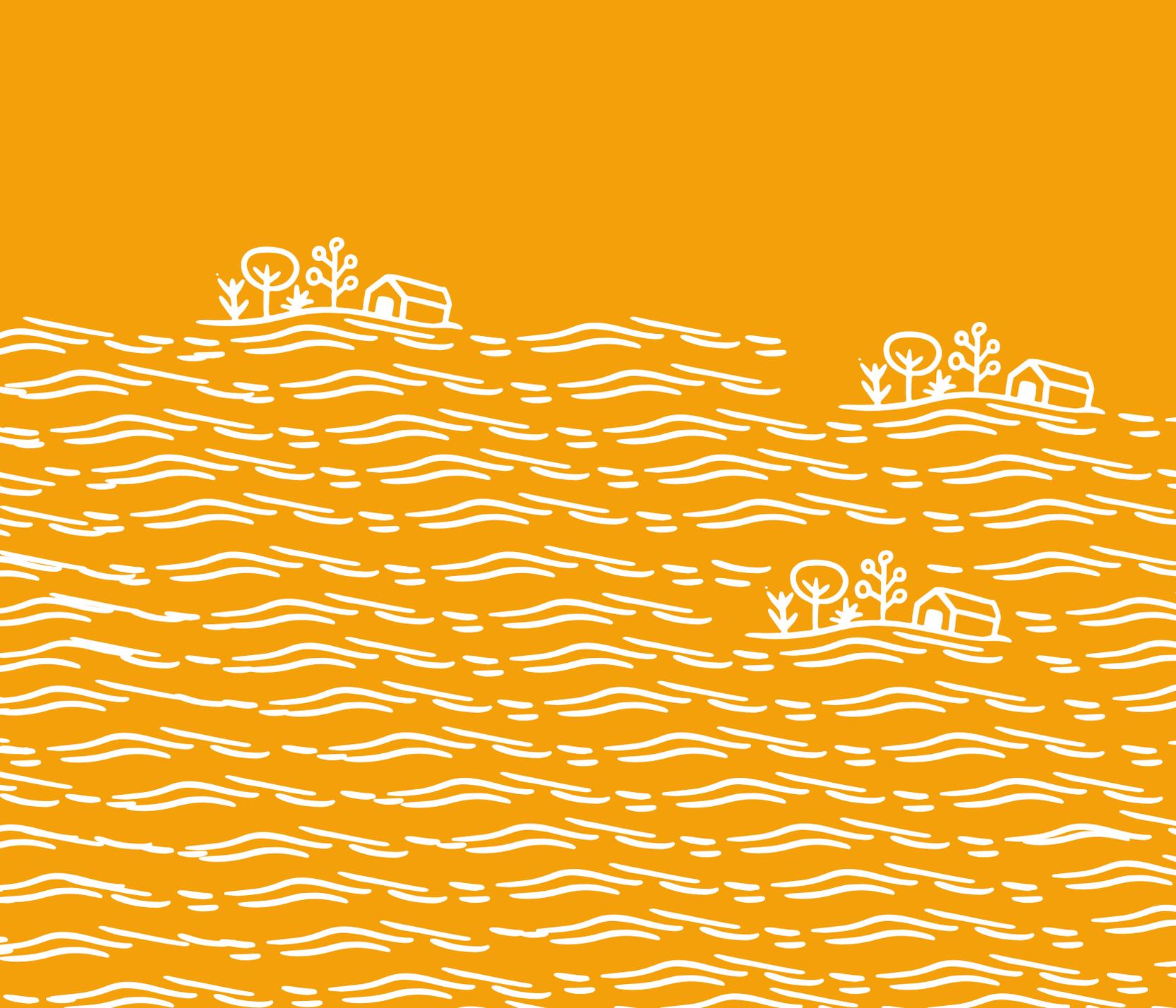
A comunidade está finalizando a construção de um galpão de 595 m² para inauguração no final de 2021, além de um Projeto de Turismo Rural. O intuito desse projeto é que o turista não chegue na comunidade somente para comer uma galinha caipira com aipim, por exemplo, mas que o turista sinta um pouco do que é viver dentro de um quilombo, e como é rica e satisfatória a vivência do seu povo.

Aos 14 anos, Seu Lamiel saiu do quilombo, mas aos 34 anos teve um problema cardíaco e decidiu voltar para a comunidade. Ao retornar não sabia nada de como lidar com a terra. Aprendeu aos poucos a partir de valores importantes para a comunidade: a coletividade, a união e a troca de saberes. Como define Seu Lamiel: **“quilombo é irmandade, irmandade é raiz e por isso não pode ser desigual, todos precisam se ajudar”**.

Este senhor de expressões fortes e sorriso largo nos contou com brilho no olhar que uma prima tinha conseguido emitir nota fiscal e agora iria fornecer cheiro verde para a escola. Com este exemplo, ele explicou que a maior resistência da sua comunidade é a agricultura e a luta para ser uma comunidade autossustentável.







NOME E
SOBRENOME



Quilombo do Povoado de Preto Forro Cabo Frio - RJ

A Comunidade Remanescente de Quilombo Preto Forro, localizada no município de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro, apresenta uma história de muita luta que nos foi contada por Dona Eliane dos Santos, 46 anos. Dona Eliane é uma mulher lutadora que tem orgulho de ter conhecido a história da comunidade, em casa, pela voz de seus pais e seus avós. Esta história nos foi contada com um som de violão ao fundo. História com trilha sonora.

O quilombo começou a partir das terras doadas para a família dos Santos. Um dos responsáveis pela terra contou um pouco sobre estas doações antes de falecer, deixando sua filha como uma das responsáveis. A história de luta da comunidade se apresenta de forma externa e interna, devido a influência de grileiros na região. Dona Eliane nos contou que seu pai, Seu Claudionor, foi enganado por um primo. Nessa época, Seu Claudionor criava égua e cavalo e seu primo perguntou se ele não arrendava a terra. Seu Claudionor aceitou. Após alguns anos descobriram que existia um documento falso em posse do

seu primo e mais um grileiro colocando a terra como propriedade deles.

Os grileiros colocaram pessoas para fora, ameaçaram moradores e alguns não resistiram e saíram. Foram 10 famílias que resistiram às investidas dos grileiros. Estas famílias lutaram e foi assim que conseguiram que o Estado do Rio de Janeiro reconhecesse o seu direito à terra.

O nome Preto Forro foi escolhido em reunião, pois precisavam de um nome que representasse a história da comunidade, e chegaram a este nome para simbolizar a alforria do seu povo. A griô mais velha da comunidade é Dona Leonidia Maria Pereira, 86 anos, conhecida como Dona Nide, mãe de Dona Eliane. Outro griô é Seu Manoel dos Santos, 79 anos, tio de Dona Eliane.

O quilombo Preto Forro tem um grupo de jovens denominado Afronide que apresenta danças na

comunidade, representando um encontro de gerações onde a dança tradicional do forró se encontra com algumas músicas que os jovens escutam atualmente. O 20 de novembro é a data mais comemorada, e começa a ser celebrado desde o início do mês.

As 10 famílias que resistiram na luta, tornaram-se 30 famílias, que resultam em mais de 70 pessoas. A agricultura é uma marca importante do território, onde se encontra aipim, batata doce, milho e laranja. Na comunidade tinha uma casa de farinha que eles têm o projeto de recuperar. Com muita luta, o quilombo conseguiu, junto ao Estado do Rio de Janeiro, um trator e um caminhão, e aguardam pelo pedido da reforma das casas e a construção de uma Sede para a Associação.

A principal luta do quilombo Preto Forro segue sendo a terra. Outra luta é para que a prefeitura de Cabo Frio olhe mais pelo quilombo, pois somente através do Estado do Rio de Janeiro é que se consegue alguma assistência. No município tem pessoas que nem sabem da existência do quilombo. **Para resistir a isso, a comunidade começou a se apresentar como moradora do quilombo. Dona Eliane, mesmo, quando vai ao**

médico se identifica como “Eliane do Preto Forro”. Para ela é preciso seguir se identificando para que cada vez mais as pessoas saibam que o quilombo existe.

A luta é a marca da resistência de Dona Eliane e da Comunidade de Preto Forro. A existência de grileiros, proprietários de terra na região, sempre ameaçou a comunidade que seguiu, e segue lutando por sua terra. Mesmo com a influência dos grileiros, a maioria das pessoas da comunidade sente muito orgulho de pertencer ao povo de luta do Quilombo Preto Forro.







LUTA E
MEMÓRIA:
ESTA TERRA
NÃO FOI
DADA



Quilombo Sobara Araruama - RJ

É no município de Araruama, no Estado do Rio de Janeiro, que se encontra a Comunidade Remanescente de Quilombo . Rosiele, 33 anos, é nascida na comunidade, e é muito interativa e comunicativa, como ela mesmo afirma. Ela é a presidente da Associação da comunidade, mas a sua liderança só foi reconhecida aos poucos, a partir do resultado do seu trabalho.

Sobara tem esse nome em função da Fazenda, de mesmo nome, que tinha um cafezal. As terras que hoje são o quilombo, eram de uma das netas de uma mulher escravizada, chamada Cesárea. O avô de Rosiele dizia que Cesárea não era sua parente, mas um senhor, chamado Seu Xisto Carvalho, afirmava que eles eram da mesma família. Césarea entregou o documento da terra para o avô de Rosiele que acabou o perdendo.

Em 1976, chegou a Usina e comprou bem barato a terra de algumas pessoas da comunidade. A Usina tentou tomar a parte da terra que a família de Rosiele mora, mas o seu avô impediu

que eles avançassem em suas terras. A Usina seguiu e cercou todo o território do quilombo com canaviais, deixando a comunidade com pouco espaço. Mesmo com as constantes investidas da Usina, o quilombo segue sendo resistência.

Atualmente na comunidade existem duas casas de farinha: as pessoas fazem a farinha, beiju, a sola, tiram a farinha da tapioca que são traços históricos que ainda se mantém. No quilombo existem 150 famílias, totalizando mais de 600 pessoas. O quilombo planta feijão, aipim, quiabo e hortaliças para consumo próprio. Isto ocorre pois não existe muito espaço para plantar na comunidade.

Batuque reciclado é uma das manifestações culturais da comunidade, em que jovens, adolescentes e crianças tocam tambores - e se não tiver - também garrafão de água de 20 litros, latas de tinta e lata de achocolatado. Os garrafões de água e as latas de tinta se

unem aos tambores, enquanto a lata de achocolatado se torna um complemento percussivo substituindo o chocalho. A maioria da comunidade é evangélica, e há duas igrejas no local. Segundo Rosiele, a entrada dos evangélicos em Araruama aconteceu por Sobara. Devido a isso, a primeira igreja evangélica da região se localiza dentro do quilombo.

Entre as principais lutas do quilombo estão a questão da terra, mas também o acesso a políticas públicas. O Posto de Saúde foi inaugurado em 2019, após muita luta da comunidade que conseguiu uma ordem judicial para que fosse construído. No Posto só tem clínico geral, e o médico só aparece duas vezes na semana. A ausência de transporte público também é um problema que a comunidade segue apontando.

Só existem dois horários de ônibus, um pela manhã, e outro pela tarde. Quando o ônibus quebra não tem outro para substituir. Outra questão importante ressaltada por Rosiele é a necessidade de manutenção constante da estrada, por se tratar de 23 km de estrada de terra, dentre os 43 km de distância do centro de Araruama.



O quilombo Sobara segue seu caminho fortalecendo a valorização da identidade quilombola. Algumas pessoas antigamente se recusavam a dizer que eram quilombolas, devido ao preconceito de serem associados a macumba, como aponta Rosiele. Em contrapartida, no momento da vacinação contra Covid-19, pessoas que não eram quilombolas a procuraram para tentar tomar a vacina.

Com toda a dificuldade existente, o quilombo Sobara segue exibindo suas marcas da resistência e valorizando sua identidade, mesmo com o preconceito. A comunidade que se encontra quase sem espaço devido a ação da Usina, consegue manter uma agricultura para consumo próprio. Com estas e tantas lutas, mostram a sua força e união como marca para seguirem de pé e lutando.







ESPÍRITO
DE
EQUIPE



Quilombo Conceição do Imbé Campos dos Goytacazes - RJ

O Quilombo Conceição do Imbé fica localizado em uma fazenda, em Campos dos Goytacazes, no norte fluminense, onde há muitos anos funcionou uma usina de cana de açúcar. Seus moradores são descendentes de trabalhadores da fazenda ou de antigos funcionários da usina. É em um período de muita crise, em que a usina não conseguia pagar seus funcionários, esses trabalhadores chegaram a trabalhar apenas em troca de alimentos, até que a situação ficou insustentável e a companhia passou a ceder pedaços de terras como forma de pagamento das dívidas trabalhistas. Anos depois, o território foi reconhecido como de interesse quilombola pela Fundação Palmares e foi iniciado um processo de loteamento junto ao INCRA. **Atualmente, todas as 180 famílias que residem ali possuem a titulação de posse das terras.**

O nome da fazenda é em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, padroeira do quilombo. É uma comunidade rural que por um tempo sobreviveu vendendo em feirinhas de roça aquilo que plantava, mas como o que

ganhava era insuficiente para seu sustento, hoje planta apenas para consumo próprio. As mulheres do quilombo, em sua maioria, são empregadas domésticas e os homens trabalham na construção civil.

Os membros da Associação de Quilombolas de Conceição do Imbé vêm nutrindo o sonho de transformar a sua sede num espaço para o desenvolvimento de atividades de geração de renda e de criar uma cooperativa de mulheres.

A culinária é um símbolo importante para Conceição do Imbé. Camila Rocha, membro da Associação, afirma que em qualquer casa, é possível comer muito bem. Desde crianças a idosos, todos sabem cozinhar. As mulheres fazem doces artesanais e os pratos típicos Ensopado de Banana Verde com Carne Seca e Canjiquinha com Frango Caipira não podem faltar em nenhuma festividade em que a comunidade se represente. Assim como Seu Amaro, falecido em 2020

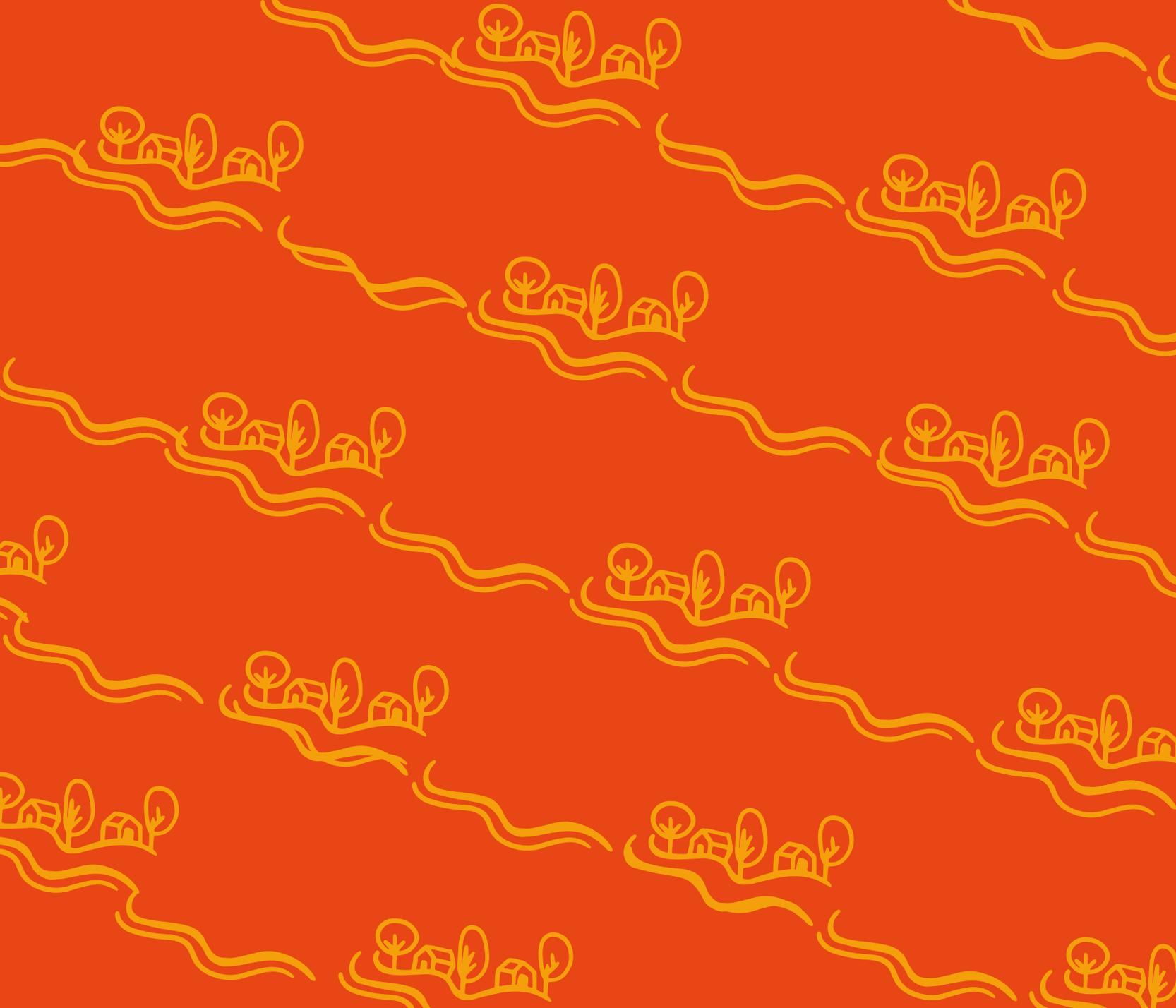
aos 113 anos, nunca faltou a nenhum evento em que fosse chamado para contar a história da comunidade. Ele acompanhou de perto todo o processo de falência da usina e do loteamento de terras. Prendia a atenção de todos com histórias curiosas de pescaria e do folclore brasileiro.

Outra marca da comunidade é o futebol, uma paixão que vem de gerações passadas. Foi o avô de Camila quem batizou o time de futebol masculino do bairro. Torcedor fanático do Botafogo, deu ao time o nome de Botafoguinho. Mulheres e crianças também praticam o esporte e os times participam ativamente de torneios locais, campeonatos e amistosos. Aos domingos, a beira do campo fica lotada de espectadores e torcedores. É a principal atividade de lazer do quilombo. A antiga senzala, localizada na entrada da comunidade, chamada de galpão, que um dia foi transformada num espaço de festas e bailes, não existe mais.

Fora de campo, o povo de Conceição do Imbé também preserva o "espírito de equipe", além do respeito ao seu território, aos mais velhos e à sua história.







RUMO



Quilombo Boa Vista Quissamã - RJ

A Comunidade de Boa Vista é mais um dos quilombos adjacentes ao Quilombo de Machadinha. É formada por 85 famílias, descendentes de produtores de cana de açúcar que trabalhavam nas fazendas da região e que receberam essas terras como forma de pagamento.

Localizada em uma área rural, a comunidade de agricultores e pequenos produtores de leite já foi conhecida como "rumo", por ser apenas um caminho de passagem, cercado por plantação de cana de açúcar. Aos poucos foi sendo habitada e se desenvolvendo.

Fabiana de Souza, liderança comunitária, lembra com carinho da infância vivida ali, especialmente dos dias que passou na Casa de Farinha dos seus avós. Seu avô, João Marcos de Souza Pessanha, pequeno produtor e antigo funcionário da Fazenda Palmeira, foi uma das referências desse lugar. Com tantos Joãos com reconhecida importância para a comunidade, não é de se admirar que o padroeiro do quilombo seja São João Batista.

O quilombo de Boa Vista é pequeno e a comunidade é formada por seus núcleos familiares: Família Paula, Família Santos, Família Barcelos, Família Souza, Família Azevedo e Família Pessanha. As terras foram sendo passadas de geração em geração. Num mesmo quintal, vivem os pais, os filhos e os filhos dos filhos. Os terrenos foram distribuídos de maneira informal. Enquanto aguardam a titulação das terras, a família de Fabiana guarda como relíquia o papel onde seu avô desenhou as divisões dos terrenos e a quem se destinaria cada um.

Mesmo sendo um local de pouca circulação de pessoas de fora, já que as principais atrações da região se concentram em Machadinha, Boa Vista tem algumas opções de visitação como a Capela de São João Batista e as pistas de laço, onde acontecem passeios a cavalo, prova de tambor, apostas de corrida a cavalo e enlace de bezerros. É possível ainda conhecer um pouco da culinária local com

as tradicionais balas de leite de Tia Tomázia, hoje produzidas por sua neta Ivana, e o pastel de nata da Geni.

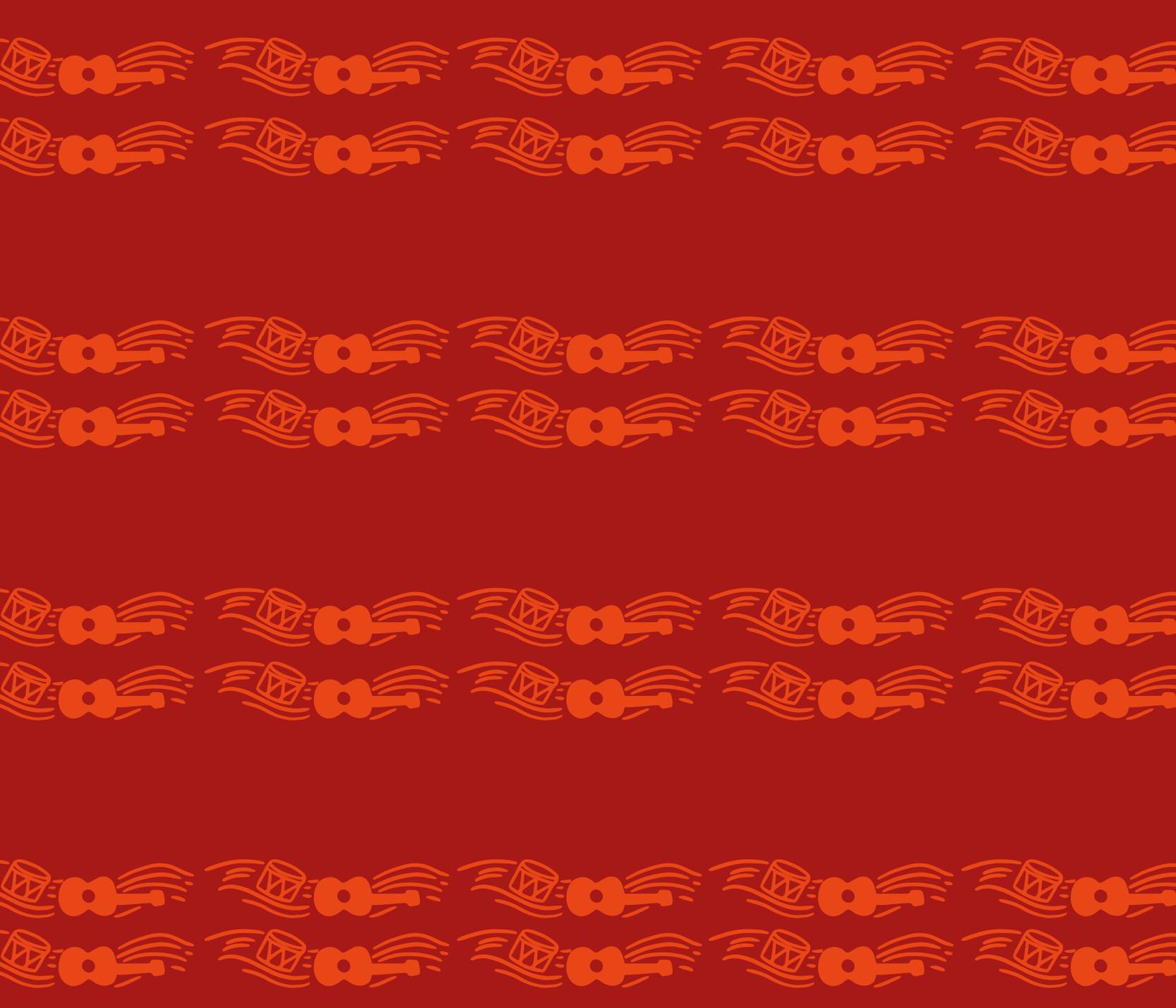
Devido à falta de serviços e de empresas locais, quem não **labuta** na roça, precisa se deslocar até municípios vizinhos para trabalhar

trabalho árduo e
penoso, lida, canseira.

Se qualificar também não é fácil, a única escola da região fica em Machadinha e em Quissamã não há faculdades. Assim como os outros quilombos do Complexo, Boa Vista sofre com um transporte deficitário. A maioria dos jovens estudam somente até o ensino médio e o índice de desemprego na comunidade é alto.

Apesar das dificuldades, Boa Vista se mantém firme principalmente através da união e da participação coletiva. Rumo já foi nome e não é à toa, Boa Vista segue firme em seu caminho.





CHEGADAS,
PARTIDAS,
CHEGADAS



Quilombo Mutum Quissamã - RJ

Ruas de chão batido, crianças brincando na rua, pessoas andando a pé, de bicicleta ou a cavalo, totalmente despreocupadas. Ônibus e carros só em horários marcados. O som ambiente é de cães latindo, passarinhos cantando e vacas mugindo. Uma comunidade de casas simples e pessoas simples. É assim que Mariângela, professora e liderança comunitária, descreve o Quilombo do Mutum.

Não se sabe ao certo a origem do nome, mas a suspeita é que seja devido à presença da ave chamada mutum na região do canal localizado atrás do quilombo. A comunidade é composta por pessoas oriundas de Machadinho, que constituíram família e migraram para esse território. Atualmente, abriga cerca de 200 pessoas distribuídas em 38 famílias, mas o loteamento da terra e a tranquilidade do lugar têm atraído novos moradores. É uma comunidade rural que vive basicamente da atividade agrícola e da pecuária.

Com tanto sossego, às vezes até parece um lugar esquecido. Mariângela diz que os olhos do poder público se voltam apenas para Machadinho por concentrar o patrimônio histórico e o turismo cultural de Quissamã. Em Mutum faltam políticas públicas de saneamento básico e de mobilidade. O acesso à internet é quase nulo. Não existem lugares para encontros, como praças ou outros espaços de convivência públicos.

Um sonho que Mariângela e seu marido André Luiz, outra importante liderança comunitária, nutrem é de ter um local para preservar a memória de Mutum, algo que fique de herança para as próximas gerações. **“Eu acho importante a gente ter um acervo histórico com pessoas da comunidade, porque eu posso pegar um exemplo de um Martin Luther King, de um Nelson Mandela, que conta uma história que tem a ver com a nossa história, mas não é a nossa história.**

Eu não acho que seja uma fala tão importante quanto a fala de Jobel, de Amaro Azevedo que são da nossa comunidade”.

Seu Jobel de fato tem muito o que falar. Com 75 anos, nascido e crescido ali, Mariângela o considera um “acervo vivo” e griô, ao que ela define como “uma pessoa com um pouco mais de idade, que conhece bem a história do local, que pode apontar pr’um lado e dizer ‘ali era...’ algo que você não podia sequer imaginar que aquilo já houve um dia”.

Aliás, contar histórias, provocar a imaginação e despertar a curiosidade são especialidades de Seu Jobel. Além das muitas histórias dos seus antepassados que ele conta, todo ano, na véspera da Páscoa, Jobel fazia um boneco de Judas com estopa, chapéu e bota. Durante a madrugada, colocava o boneco em algum lugar estratégico do bairro com uma carta na mão, a qual ele chamava de pasquim, com histórias e fuxicos de cada morador. Nem sempre a carta dizia coisas agradáveis, o que podia gerar certo reboiço na comunidade.

Algumas pessoas chegavam a não dormir na intenção de pegá-lo no flagra, mas ele, espertamente,

em cada ano escolhia um local diferente para deixar o Judas e nunca foi pego.

Outra agitação promovida por seu Jobel são os blocos de ruas. Quando vai se aproximando do carnaval, seu Jobel junta as baterias que tem em casa, reúne um grupo de “tocadores” e sai puxando a brincadeira. A comunidade acompanha a farra com danças, **boi malhadinho** feito com caixa de papelão e bonecos de Pai João e Mãe Maria.

Manifestação que evoca a tradição das danças dramáticas que têm no boi seu personagem central, o legado do Boi Malhadinho foi incorporado ao Carnaval quissamense.

A simplicidade, a hospitalidade, a união, o senso de coletividade e o bom humor em Mutum talvez expliquem porque quem é de lá, mesmo que saia momentaneamente, sempre quer voltar.





Realizador:



Parceiro apoiador:



Apoio Técnico:

